

OBRAS COMPLETAS EM PORTUGUÊS

BAKUNIN

Vive

ISSN 2763-5554



#1
ABRIL, 2021.

Revista

BAKUNIN VIVE

ANO 1, N. 01. 1º SEMESTRE DE 2021

A *Revista Bakunin Vive* é uma publicação semestral organizada pelo Arquivo Bakunin e pelo Projeto Obras Completas de Mikhail Bakunin, que se dedicará a publicar traduções inéditas ou retraduições da obra do filósofo russo Mikhail Bakunin (1814-1876).

CORPO EDITORIAL

Editor-Geral

Tadeu Bernardes de Souza Toniatti

Editores associados

Francisco Raphael Cruz Maurício
Leon Martins Carricone Azevedo
Luciana Ribeiro de Brito
Rômulo de Souza Castro
Sávia Bona Vasconcelos Soares
Selmo Nascimento da Silva

Diagramação

Alexandre Wellington dos Santos Silva

Revisão técnica

Maria Cristina Martins
Tadeu Bernardes de Souza Toniatti
Selmo Nascimento da Silva

Arte

Jessica Ellen da Rocha Silva
Rafael José de Lemos

ARQUIVO BAKUNIN

PROJETO OBRAS COMPLETAS DE MIKHAIL BAKUNIN

www.arquivobakuninbr.com.br

-

ISSN: 2763-5554 (online)

SUMÁRIO

Editorial	05
Carta a Alexander Ivanovich Herzen	07
Carta a Nikolay Ivanovich Turgenev	09
Carta a Giuseppe Garibaldi	11
Carta a George Sand	13
Carta a Giuseppe Garibaldi	14
Carta a um destinatário desconhecido	17
Carta a Aurélio Saffi.....	19
Carta a Ludwik Mieroslawski	20
Carta a Karol Edmund Chojecki	22
Carta a Józef Ćwierciakiewicz	23
Carta a Józef Ćwierciakiewicz	25
Aliança Universal da Democracia Social. Seção russa. À juventude russa.....	27

1^o Januar. 1868.

H. Alfred Strut. Bedford Square. W.C.

Mein lieber Freund - Verzeih daß
ich dir nicht gekommen bin - nur
war es unmöglich, da ich schon anderwärts
verprochen war. Ich hätte gerne auch
ich dich nicht sehen können, da ich
eine unbedeutende Gelegenheit nach Süd-
land zu schreiben beabsichtige war - Aber
hienowen will ich dich persönlich sehen,
schreibe mir nur sei es jetzt in
welcher Zeit Vermittelung ist dir zu
Hauk Pfeffer Mann.

Dein unverändert ergebener
und alter gewordener

H. Danneberg

EDITORIAL

Há vinte anos, o militante, estudante ou pesquisador brasileiro que buscasse conhecer o pensamento de Mikhail Bakunin encontraria barreiras diversas para acessar a obra do revolucionário russo.

As traduções para o português eram escassas e contavam com edições de textos incompletos, salvo raríssimas exceções. Eram esses precários materiais que fracamente competiam com as versões enviesadas de liberais e marxistas sobre Bakunin e sua obra. De modo que, no campo da militância nos movimentos sociais e no campo intelectual das ciências sociais, o retrato político recorrente do anarquista russo era aquele pintado pelas deturpações liberais e marxistas.

Parte substancial da obra de Mikhail Bakunin foi finalmente reunida pela primeira vez no ano 2000 no Instituto Internacional de História Social, sediado em Amsterdam, Holanda. Disponível em tal instituição e circulando internacionalmente em CD-ROM, a obra, majoritariamente escrita em francês, possibilitou a realização de algumas pesquisas sérias sobre o pensamento e a biografia do autor, como a produção de teses acadêmicas e novas edições baseadas nos escritos originais, criando um espaço, ainda que difuso, de reflexão sobre o legado histórico, teórico e político de Bakunin.

No Brasil, o livro *De baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin*, lançado em 2014 e organizado por Andrey

Ferreira e Tadeu Toniatti, representa um ganho qualitativo, mas ainda inicial, nas edições em português dos escritos de Bakunin.

Passadas duas décadas da reunião da obra pelo instituto holandês, um coletivo de colaboradores brasileiros tomou para si a missão de verter ao português a totalidade dos documentos produzidos pelo revolucionário russo e fazê-los circular em edições que respeitem sua forma e conteúdo, o que passa necessariamente por romper com o padrão editorial predominante nas traduções de Bakunin no Brasil.

Sabemos que essa não é uma tarefa simples, dado o volume da obra, as condições materiais de existência e a conjuntura política na periferia do sistema-mundo capitalista. Contudo, estamos dispostos e dispostas a nos elevar à altura desse desafio intelectual, editorial e político, agregando novos colaboradores durante a caminhada.

Nesse número inaugural da Revista Bakunin Vive, as leitoras e leitores encontrarão textos até então inéditos em português. Optamos pelas cartas e documentos políticos para iniciar as traduções da obra, porque elas exprimem parte importante da política de Bakunin no movimento revolucionário internacional. As cartas presentes nesta edição foram escritas entre 1861 e 1862, contudo o texto mais longo é um documento datado de 1870.

As cartas de 1861 e 1862 são de temáticas variadas e abrangem o período após a fuga de Bakunin da Sibéria, Rússia, sua passagem

por São Francisco nos EUA e sua chegada a Londres, Inglaterra. A maioria delas foi escrita em francês, e algumas tiveram como destinatário importantes personagens do movimento revolucionário e artístico da época, como os russos Herzen, Turgenev e o italiano Garibaldi.

Através desse lote de cartas, é possível compreender algo da rede de relações pessoais e políticas que Bakunin estabeleceu após sua reintrodução na vida política europeia. Os anos na prisão não foram suficientes para deter a perseverança de Bakunin na luta revolucionária dos povos. Nas cartas, ele relembra seus esforços em 1848/49, que lhe levaram ao cárcere, tece comentários em prol da livre federação eslava e sobre a destruição do Império Austríaco. Não se exime em falar de Napoleão III e a Itália, ou a guerra entre os estados do norte e do sul dos Estados Unidos, revelando estar atento aos fatos políticos importantes de sua época.

O texto mais longo nesta edição de Bakunin Vive é o documento escrito em março de 1870 na Suíça para a Seção Russa da Aliança Universal da Democracia Social, particularmente à sua juventude. Se as cartas pós-Sibéria de 1861-1862 ajudam a compreender os esforços de Bakunin para reinserir-se nas lutas populares contra os impérios europeus, o documento de 1870 expressa uma outra fase de sua trajetória política, aquela em que aderiu à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e fundou a Aliança. No texto, Bakunin identifica e explica aos compatriotas as diferentes tendências políticas conservadoras, liberais e socialistas na Europa Ocidental, com passagens em que se debruça sobre a natureza social que deveria assumir a revolução russa, além de fazer uma detida análise da organização e impacto social da AIT na burguesia europeia.

A leitora e o leitor têm em mãos a primeira edição da Revista Bakunin Vive, cuja ousadia e ineditismo editorial já a tornam um objeto histórico no processo de difusão e sistematização da obra de Bakunin em língua portuguesa. Trabalhamos para que, nos próximos anos, os esforços em torno da divulgação do pensamento de Mikhail Bakunin construam um cenário editorial distinto do que experi-

mentamos hoje. O desenvolvimento deste ambicioso projeto pode gerar efeitos positivos na formação de uma nova geração de militantes sociais e pesquisadores lusófonos, que encontrarão no pensamento de Bakunin um guia para compreender as lutas do passado e problematizar os desafios do presente.

CARTA A ALEXANDER IVANOVICH HERZEN

Data: 15 de outubro de 1861

Tradução: Leon Martins Carriconde Azevedo

São Francisco, 15 de outubro de 1861.

Amigos! Eu tive sucesso em escapar da Sibéria; e depois de longas perambulações pelo Amur e pela costa do estreito da Tartária, depois pelo Japão, cheguei hoje a São Francisco. Mas essas peregrinações já exauriram meu pé-de-meia, que já não é grande, de modo que se eu não tivesse encontrado um bom homem que me emprestasse 250 dólares até Nova Iorque, teria ficado em um grande embarço. Até você há um longo caminho, e eu não tenho amigos nem mesmo conhecidos por aqui. Estarei em Nova Iorque por volta de 18/10 de novembro. De acordo com meus cálculos, você receberá esta carta por volta de 15 de novembro; nessas condições, sua resposta pode chegar a Nova Iorque no final deste mês. Espero que você tenha recebido dinheiro da Rússia para mim. Mas, seja como for, por favor, mande 500 dólares para mim em Nova Iorque ou, me parece, 100 libras esterlinas, que preciso para cobrir minhas despesas de viagem a Londres. Nesse caso, estarei com você por volta de 10/2 de dezembro. Mais um pedido: assim que você receber esta carta, informe imediatamente meus irmãos, por meio de seus amigos na Rússia (em Tver 'ou governo de Tver', cidade de Torñok, burgo de Prjamuchino, Nikolaj Aleksandrovi... Bakunin), que cheguei são e salvo em São Francisco e chegarei a Londres em meados de dezembro. Minha esposa provavelmente estará agora conosco, no burgo, e acompanhada por um

dos meus irmãos ou outra pessoa qualquer, ela partirá para Londres assim que receber notícias; e mais um pedido: alugue para mim, bem perto de você, um canto barato e escreva-me, em Nova Iorque, onde terei que ir em Londres. Se o espaço for muito pequeno, quando minha esposa chegar a Londres, saberei como alugar outro. Meu endereço em Nova Iorque: Sr. Bakunin, «Howard House», Broadway e Courtland. Em sua carta, coloque um bilhete em meu nome, algo como um aviso do seu banqueiro, mencionando o valor que você está me enviando, e o nome do banqueiro em Nova Iorque, que, ao apresentar esse bilhete, ele terá que me entregar.

Amigos, anseio com todo o meu ser em ir até vocês, e assim que chegar, vou começar a trabalhar; cuidarei da questão polonês-eslava, que tem sido minha ideia fixa desde 1846 e praticamente minha especialidade em 48 e 49. A destruição, a destruição integral do Império Austríaco, será minha última palavra, não estou dizendo meu negócio, isso seria muito pretensioso; para servir a essa nobre causa, estou pronto para me juntar aos tambores, ou mesmo aos marginais; e se eu pudesse fazê-la avançar um pouco, estaria feliz. Mas por trás dela, surge a gloriosa, a livre federação eslava, a única saída para a Rússia, Ucrânia, Polônia e, em geral, para todos os povos eslavos. Aguardo com grande impaciência o dia de amanhã para ter notícias da Rússia e da Polônia. Hoje eu tive que me contentar com vagos rumores. Falaram-me de uma retomada dos confrontos sangrentos

entre o povo e o exército no Reino da Polônia e, também, de uma conspiração na Rússia em plena luz do dia contra a vida do imperador e de sua família. Talvez eu saiba amanhã qual é a situação.

A luta entre os estados do Norte com os do Sul da América também me interessa fortemente. É evidente que todas as minhas simpatias estão com o Norte, mas, ai de mim!, parece que o Sul tem sido até agora mais enérgico em sua ação, mais inteligente e coesa do que a do Norte, além de inquestionavelmente superior em todos os confrontos. É verdade que o Sul vem se preparando para a luta há três anos, enquanto os estados do Norte foram pegos desprevenidos. O incrível sucesso da especulação entusiasmada e raramente honesta, a mediocridade do bem-estar material egoísta e a satisfação barata de um orgulho nacional infantil e pavoroso aparentemente os corromperam muito; e talvez essa luta seja salutar na medida em que restituirá ao povo americano a alma que ele perdeu.

Pelo menos essa é minha primeira impressão, em uma análise mais detalhada talvez eu mude minha opinião. No entanto, não terei tempo para observar por muito tempo. Em São Francisco, ficarei por cinco dias no total; e assim que chegar a Nova Iorque, irei para Boston e Cambridge, com meu velho conhecido, o professor Agazis; receberei cartas de recomendação dele, com as quais irei a Washington por alguns dias. Dessa forma, acabarei me surpreendendo, ou pelo menos aprendendo alguma coisa. Pelo caminho, consegui organizar um bom negócio que certamente lhe encantará: sabendo como o *Kolokol*¹ e a *Poljarnaja Zvezda*^{2 3}. Eles vão receber da comissão tudo o que enviarmos de Londres e venderão a oficiais navais ou a comerciantes de Kjachinsk, cujos números no Amur e no oceano Pacífico estão aumentan-

do a cada ano. Dessa forma, nós venderemos entre 100 e 300 cópias, uma quantidade que, do ponto de vista comercial, não é considerável, mas que, do ponto de vista político, será extremamente importante.

Mas está na hora de terminar minha carta e ir para a cama. Adeus, amigos, e até breve. Escreva ao Reichel que eu ressuscitei e que minha amizade por ele continua inalterada.

Vosso M. Bakunin

1 *Kolokol* foi o nome do jornal de exilados russos na Inglaterra. Foi publicado em Londres de 1857 a 1865 e depois em Genebra até 1867, cujos editores foram Nikolay Ogarev (1813-1877) e Alexander Herzen (1812-1870). (Nota dos editores).

2 *Poljarnaja Zvezda* foi o título das antologias russas divulgadas por Alexander Herzen e Nikolay Ogarev em Londres (1855-1862) e Genebra (1868). O nome era uma referência à uma publicação dos revolucionários russos conhecidos como “de-zembrista”, divulgada em São Petersburgo de 1823 a 1825. (N. dos E.).

3 Em francês, o nome do rio é Amour, idêntico à palavra francesa para “amor”. (N. dos E.).

CARTA A NIKOLAY IVANOVICH TURGENEV

Data: 15 de dezembro de 1861

Tradução: Leon Martins Carriconde Azevedo

Nota: com base na primeira publicação. O original se encontra em RGALI, arquivos Vlasov.

Londres, 31 de dezembro de 1861.

Rua Alfred, 14. Praça Bedford.

Estimado Nikolay Ivanovich. Meu primeiro pensamento ao chegar a Londres (27 de dezembro) foi cumprimentá-lo, o patriarca de nossa livre causa russa. Veja, nós não morremos nos dias de hoje. Fui enterrado por engano? Repousei 13 anos sob três selos: o saxão, o austríaco e o russo, esmagado sob o forte aperto de Nicholas, e daí? Nicholas está morto, e eu estou livre. Livre, não por permissão do czar, mas por minha própria decisão, porque eu não tinha nada a fazer na Sibéria e não tinha o luxo de permanecer em pútrida inação, quando todos à minha volta ganhavam vida. O Amur aberto e criado por Murav'ev, que não suporta seu próprio peso, é um belo rio navegável, e em Nikolaevsk, na foz do Amur, pequenos navios americanos se cruzam. Fiz uma pequena descida a vapor desde o Amur até Nikolaevsk, e de lá a bordo de um clipper americano cheguei ao Japão, e do Japão, São Francisco, Nova Iorque, Boston e Londres.

Portanto, bom e muito respeitado patriarca, celebre minha liberdade e me deseje uma atividade útil e frutífera. Devo-lhe dizer quais são todas as minhas aspirações. Meu coração não mudou, embora eu espere que

treze anos de duras provas não tenham passado em vão, nem pela minha inteligência nem pela minha experiência. Deixei de ser um revolucionário abstrato e me tornei cem vezes mais russo do que fui antigamente, e embora não tenha deixado de simpatizar ardentemente com as vitórias da liberdade no mundo inteiro, compreendi que os russos devem agir preferencialmente na Rússia e sobre a Rússia e, se quiserem, num sentido mais amplo, exclusivamente sobre o mundo eslavo. Mas logo estaremos falando sobre isso de novo pessoalmente, eu espero, em Paris, se ao menos eles me deixarem entrar.

Neste momento eu só quero apertar sua mão, Nikolay Ivanovich, e dizer-lhe que, durante meu encarceramento e confinamento, mantive uma memória nobre e viva de você. O bom e nobre Bernackij já não está mais entre nós:

Quantos já não estão mais vivos

Dos que eram alegres e jovens.

Bem, vamos celebrá-los por nossa ação e não por nossas palavras.

Despeça-se agora e transmita minhas respeitadas saudações à sua esposa.

Seu sempre devoto

M. Bakunin

Nikolay Ivanovich, você não poderia descobrir como eu poderia me infiltrar, de for-

ma não oficial, por uma semana em Paris? E além disso, você não saberia o paradeiro do conde Nikolaj Nikolaevi Myrav'ev-Amurskij? Se o souber, envie-me seu endereço.

Veja, Nikolaj Ivanovi, faz muito tempo que esta carta foi escrita, mas Herzen havia colocado seu endereço errado, e ele não parou de procurá-lo. Agora aproveito a ida do sr. Romanov para Paris, que tenho a honra de apresentar a você nesta justa ocasião. Ele está encarregado de instalar uma linha telegráfica no Amur e, para essa ocasião, foi para a América e acaba de retornar. Ele lhe dirá muito sobre a Sibéria Oriental, sobre a região de Amur e sobre a América. Ele é antiquado, inteligente, bastante interessante, mas está longe de ser nosso.

CARTA A GIUSEPPE GARIBALDI

Data: 31 de janeiro de 1862

Tradução: Clarice Macieira e Nathália de Ávila (Redemoinho Traduções)

Londres, 31 de janeiro de 1862
Rua Alfred, 14. Praça Bedford

General

Mazzini e Herten recomendam meu irmão. Permita-me aproveitar esta ocasião para me autorrecomendar. Meu nome, talvez, não lhe seja de todo desconhecido. Fiz meu melhor pela causa dos povos em 1848 e 49, tentando conciliar tanto quanto possível as tendências divergentes dos eslavos e dos húngaros com aquelas da democracia alemã. Aparentemente a tarefa que eu me coloquei foi superior às minhas forças. Fracassei como tudo fracassou naqueles memoráveis e nefastos anos. Preso por traição em 1849, depois da debandada de Dresden, passei cerca de dois anos e meio dentro das fortalezas de Königstein, de Praga e de Olmütz, julgado e condenado à morte duas vezes, mas não executado, porque o rei falecido da Saxônia, que era um bom e forte homem, inimigo do sangue, opunha-se decididamente a isso – fui transportado em 1851 para a Rússia, e lá fiquei ainda seis anos em uma fortaleza, depois quatro anos na Sibéria, onde terminei por me casar com uma jovem dama polonesa. – Lá, vivi bastante contente e tranquilo, esperando que fosse do agrado do governo de São Petersburgo conceder-me a liberdade, quando um ruído de seus nobres e patrióticos feitos vieram perturbar minha aparente quietude, reanimando em mim todas as pai-

xões de minha juventude. – Além disso, não fui o único a ficar comovido. Se você tivesse podido ver, assim como eu, o entusiasmo passional de toda a cidade de Irkoutsk, capital da Sibéria Oriental, com as notícias de sua expedição à Sicília e sua marcha triunfal pelas posses do falecido rei de Nápoles, o senhor teria dito como eu que não há mais espaço nem fronteiras. Esperávamos ansiosamente pelo dia dos correios – as correspondências chegavam apenas duas vezes por semana – estremeceamos de impaciência e cólera contra seus inimigos, tanto interiores quanto franceses.. Enfim, senhor, posso dizer sem exageros, toda a Rússia está contigo, ela saudou com felicidade a admirável ressurreição de sua bela pátria. O governo russo, que não sabe fazer nada além de bobagens, protesta contra o senhor, sim, – mas a nação russa, por sua vez, protesta bem alto hoje contra esse governo imbecil que, por fora e por dentro, é atingido por essa cegueira que Deus, dizem por aí, só envia a quem quer perder. Não pararemos por aí, e esses protestos são sem dúvida o começo de uma nova vida para nós. De fato, a Rússia está irreconhecível. Parece que nos encontramos às vésperas de uma revolução. No mundo oficial, há um desastre completo. Os empregados do governo, desde os cargos mais altos até os menores, que pareciam impassíveis, imutáveis, tão seguros de si no reinado anterior, não têm mais fé em si mesmos, nem no poder imperial. Por todo lado há caos, contradição, anarquia, em uma palavra, todos os sinais precursores de uma

completa dissolução, e o povo por todo canto começa a se agitar. O povo sabe o que quer: a liberdade e a terra. Mas uma liberdade vasta, infinita, como pode apenas sonhar uma nação potente, submissa durante séculos à mais terrível escravidão; e a terra, toda a terra russa como propriedade comum da nação. O governo assustado inventa compromissos, mas não há compromisso possível em nenhum ponto entre sua estreiteza obrigatória e os desejos de seu povo cansado da escravidão. A revolução pode demorar alguns anos, de acordo com as circunstâncias, mas ela é iminente, e não tardará muito se o impulso vier de fora.

A revolução na Rússia é o desmembramento do Império Russo, e em seu lugar, eu espero, se fará uma federação de todos os povos eslavos, livres e independentes. – Nós fazemos todo nosso possível para ligar fortemente nossa causa à causa polonesa. É para nós, de uma só vez, uma necessidade, uma vontade e um ato de justiça. Reconhecemos enormemente o direito da Polônia a uma completa independência, sem questionamento e sem condição, bem como o direito de qualquer província, hoje fazendo parte do Império Russo, de se separar de nós para se unir à nação polonesa, é claro que, se todo o povo, e não somente a nobreza, quiser. Oferecemos aos poloneses todos os recursos possíveis de nossa sinceridade, e podemos lhes provar hoje o direito que temos de falar com eles em nome da nação russa. Infelizmente, nossos esforços não são sempre bem-sucedidos. Não podemos nos chatear muito com eles. Temos muitos crimes a serem perdoados. Ainda que sejamos, individualmente falando, inocentes, somos solidários aos olhos deles e também aos nossos, por todos os horríveis danos causados a eles durante um século pelo governo, pelo exército e pelos funcionários russos. Somente eles não querem compreender que é precisamente esse mesmo sentimento de solidariedade que nos faz suportar pacientemente suas ofensivas desconfianças, que nos dá a força de retornar sempre a eles com as mesmas proposições de paz e de ação comum. Não nos desesperemos: a persistência e a fé terminarão por tudo vencer.

E agora, senhor, eu quero, eu devo agir. Escrevi nesse momento a um endereço dos meus amigos eslavos, poloneses e russos em que tento expor minhas ideias sobre o futuro eslavo. Mas isso não pode e não deve ser nada além de uma introdução obrigatória à minha nova existência. Depois de ter escrito, eu quero agir. Tento me orientar tanto quanto possível, mas em Londres o movimento eslavo é bastante desconhecido, e se você tiver confiança em mim, creio que tem o direito de me responder francamente a uma só pergunta, você me renderá, General, um enorme serviço:

Se estou certo sobre isso, estaria nesse caso provavelmente próximo a você, para lhe suplicar a aceitação de meus serviços. Mas se o rumor é falso, será necessário que eu fique em Londres para me concentrar e criar os filhos de uma grande agitação eslava.

E agora, antes de terminar esta carta, gostaria de poder exprimir todos os sentimentos de respeito e simpatia religiosa que seu grande nome me inspira. A tarefa está além das minhas forças, então renuncio a ela neste momento. Mas ficaria feliz caso uma ocasião oportuna me permitisse lhe provar, não com palavras, mas com ações, toda a profundidade de minha devoção.

M. Bakunin

Herzen se fez de preguiçoso. Ele não lhe escreveu, mas encarrega meu irmão de expressar sua amizade. Meu irmão possui toda minha confiança, eu respondo por ele como por mim mesmo. Ele fornecerá também meu endereço.

CARTA À GEORGE SAND

Data: 31 de janeiro de 1862

Tradução: Peter Faria Heine (Redemoinho Traduções)

Londres, 31 de janeiro de 1862.
Rua Alfred, 14. Praça Bedford. W.C

Senhora,

Sem dúvida a senhora se esqueceu de um pobre russo que foi, contudo, um dos seus mais devotos admiradores. Quanto a mim, não a esqueci, e isso é muito natural: senhora, em outra época, me demonstrou bastante a sua nobre e boa simpatia. Eu a esqueci tão pouco que, voltando à vida depois de um desmaio que durou mais ou menos 13 anos, e não podendo vir eu mesmo a Paris, que agora aprecia se deixar ser conduzida por um governo arbitrário, e querendo a todo custo me lembrar da sua benevolente memória, eu lhe envio meu irmão que, como eu, senhora, é um de seus admiradores aficionados. Ele lhe contará de como estive preso em 1849, colocado em ferros, guardado durante dois anos e meio nas fortalezas de Königstein, de Praga e de Olmutz, julgado e condenado à morte em Saxe, depois na Áustria, enfim transportado para a Rússia, onde passei ainda seis anos na fortaleza e quatro anos na Sibéria; de como me casei lá – não na fortaleza, mas na Sibéria –, de como, no fim de tudo, despertado por todo o barulho que se faz de novo no mundo e, sobretudo, pela agitação do mundo eslavo, embarquei sobre o Amur – o rio, não o Deus –, atravessei o Japão, o Oceano Pacífico, São Francisco, o istmo do Panamá, Nova Iorque, Boston, o Oceano Atlântico, e vim me anco-

rar em Londres, onde faz um tempo horrível, mas, em compensação, há uma boa e forte liberdade.

A senhora é uma pessoa boa, portanto, ficará então contente de saber que estou de novo livre e pronto para cometer de novo os pecados pelos quais fui um pouco maltratado. Apenas uma coisa infelizmente mudou: envelheci 13 anos – é um infortúnio, sem dúvida, mas o que fazer? Por outro lado, ainda me sinto muito jovem –, tenho de fato a idade do Fausto de Goethe, quando ele diz a si mesmo:

«Muito velho para se divertir sem nada
Muito jovem para não ter nenhum desejo.»

Privado de vida política há 13 anos, tenho sede de agir e acho que, depois do amor, a felicidade suprema é a ação. O homem só fica realmente feliz quando cria. Mas aqui estou eu caindo na filosofia, e ainda diante de você, senhora: um sujeito que veio da Cítia fazendo graça diante de um espírito ateniense – seja indulgente, lembre-se de que venho da Sibéria e não de Paris. A bem da verdade, Paris parece ter caído hoje um pouco no nível da Sibéria.

Deixe-me, senhora, exprimir mais uma vez meus sentimentos de respeito profundo e simpática devoção que sempre nutri pela senhora.

M. Bakunin

CARTA A GIUSEPPE GARIBALDI

Data: 10 de maio de 1862

Tradução: Peter Faria Heine (Redemoinho Traduções)

Nota: publicado a partir de uma cópia da polícia. Primeira publicação na língua original. Faltam as imagens.

Ao General Garibaldi.

10 de maio de 1862. Londres,. 10.

Paddington Green. W.

Meu caro General. Tomo a liberdade de lhe enviar um amigo e compatriota que vem diretamente da Rússia e que poderá dar a você todas as informações possíveis sobre o que se passa agora no nosso país.

Herzen o conhece bem e, sem dúvida, também o recomendará ao senhor.

Não há dúvidas de que a Rússia caminha a grandes passos em direção a uma revolução que se tornou iminente. Quando ela eclodirá? Eis a questão. Talvez em 1863, talvez alguns anos mais tarde. Nós fazemos o nosso melhor para acelerá-la e para conectá-la aos povos que vivem na Europa. Na minha última carta, reclamei com o senhor das dificuldades que as desconfianças polonesas colocavam para nós. Hoje, nós acabamos de dar um grande passo: cedendo ao meu apelo, um polonês nos foi enviado do próprio país. Achamos o que procuramos por muito tempo, infelizmente em vão, na emigração polonesa: um vasto coração, uma inteligência grande e real, nada romântica, o representante dos verdadeiros interesses e da verdadeira posição atual da Polônia, representante de uma

jovem geração que compreendeu que toda a questão polonesa está no camponês. Nós nos demos as mãos e trabalhamos agora juntos. Nosso objetivo é a destruição da centralização moscovita-petersburguesa; a emancipação; a independência completa; a autonomia de todas as províncias polonesas e não polonesas que compõem o Império da Rússia; uma guerra à morte e destruição dirigida ao Império da Áustria, bem como contra o Império Turco, contra a Prússia também em parte, na medida em que ela é composta de províncias polonesas; e a federação geral de todos os povos eslavos. Gostaríamos de dar igualmente as mãos aos magiares e queríamos muito que eles renunciassem às suas ideias de dominação sobre os povos eslavos, e que no lugar de tender para a direção à realização impossível de um reino húngaro, e que teria o resultado inevitável de jogar todos os eslavos da Hungria no campo da casa austríaca, gostaríamos que eles finalmente compreendessem que só há para eles uma saída e um meio de vitória – é a federação húngara de todos os povos que compõem aquele país: magiares, romenos e eslavos em pé de perfeita igualdade, federação que poderia formar o núcleo de uma federação oriental mais geral e mais ampla.

Eis os nossos sonhos, General, e talvez chegará o tempo em que o senho será chamado ao grande papel de intermediário entre todas essas nacionalidades ainda muito desunidas – e sem a união dessas nacionalidades, a Áustria nunca será derrotada.

O que eu prego então agora aos eslavos é

a união com os magiares, porque, ainda que eles mesmos devam se transformar em nossos inimigos mais tarde, jamais saberiam se tornar tão perigosos ou poderosos quanto a Áustria.

Tenho um dever de lhe expor as nossas ideias, para motivar o envio do portador desta carta até você. Mais uma vez, ele é digno de toda a sua confiança tanto quanto você nos julga dignos dela. Ele possui toda a nossa. Gostaríamos de ligar o tanto quanto possível a nossa nação à sua. A Itália, pela posição, pelos interesses, pela relativa juventude, é a verdadeira amiga dos eslavos. Nós não temos nada para compartilhar, mas o mesmo inimigo para combater, a Áustria. Levamos nossas inimizades um pouco mais longe do que o senhor; somos os inimigos naturais dos alemães, o ódio aos alemães entre os eslavos corresponde perfeitamente ao ódio da Itália contra a Áustria e, do mesmo modo que isso contribuiu muito para unificar a Itália, o ódio aos alemães unifica os eslavos. Se Napoleão III, por exemplo, o que não seria absolutamente impossível, marchasse sobre o Reno, o que talvez considerássemos injusto em teoria, nós nos oporíamos somente a ponto de, pelo contrário, aproveitaríamos a situação para derrubar a Áustria, para emancipar as províncias polonesas da Prússia e para levar a revolução à Rússia. De onde o movimento partirá? Será a ambição e as necessidades internas da França que darão o sinal? Será uma revolta simultânea dos povos italiano, magiar, eslavo, armênio e grego de uma vez – será enfim a revolução russa? Eis mais uma vez a questão. Ninguém sabe a resposta. Tentemos ao menos, façamos tudo quanto possível para que cada um desses movimentos se volte e contribua para o mesmo objetivo: a liberação completa da Itália, a revolta e a liberação de todo o Oriente. Basta de Áustria, basta de dominação alemã, mas também basta de czarismo e Império Russo – no lugar de tudo isso, a federação dos povos autônomos e independentes. A obra é grande, mas não é nada impossível. Há esses momentos em que apenas o medíocre e o moderado são difíceis e irrealizáveis.

Comecemos por conectar os italianos aos eslavos. O rapaz, depois de falar com você,

partirá para Viena; de lá ele irá a Praga, descerá por toda a Hungria até a Sérvia; enfim, de Belgrado irá a Galatz, e então até a parte meridional da Rússia – a pequena Rússia, onde ele ficará para trabalhar na organização desse país magnífico, a Ucrânia, que não é polonesa, não é moscovita, mas constituída de um povo inteligente e completamente independente de 15 milhões de almas.

Agora, General, se o senhor acredita realmente na utilidade de uma aliança entre a Itália e os eslavos, se tem alguma fé na eficácia e na utilidade de nossa ação; se tem confiança em nós, fale com ele também francamente como se estivesse falando a nós mesmos – é um homem que nós pusemos à prova e que nos prestou grandes serviços, ou seja, à nossa causa. Diga a ele o que você deseja, encarregue-o de suas comissões para os países que ele vai percorrer, nomeie para ele as pessoas que ele deve ver – e diga se ele pode, e até que ponto pode, se servir do nome do senhor e nos representar para com os eslavos como seus fiéis aliados e amigos. Ele não passará do limite combinado e não fará ou dirá nem mais, nem menos.

Peço-lhe sobretudo que diga a ele francamente a sua opinião a respeito de uma questão que me parece bem importante.

Suponhamos que a Áustria estivesse se preparando para ir à guerra, seja contra você, seja contra a França, e provavelmente contra os dois de uma vez só. Haverá necessariamente um novo recrutamento. Eu sei através de boas fontes que neste caso haveria muita gente jovem que decidiria desertar, se tivessem certeza de encontrar não só um abrigo na Itália, mas também estivesse certo de que seriam recebidos nas legiões italianas e que, uma vez declarada a guerra, você constituiria com eles as legiões tcheca (boêmia-eslava), eslovaca, croata, sérvia etc. Se estivermos seguros de que tal coisa é possível, nós trabalharemos para prepará-la. Mas não podemos assumir a responsabilidade de enviar pessoas para o exílio sem lhes dar um pedaço de pão. Peço desculpas, General, por ter tomado tanto o seu tempo.

Resta-me apertar a sua mão e agradecer-lhe pelo amigável bilhete. Fielmente seu.

M. Bakunin.

Permita-me que eu lhe dê, para qualquer ocasião, um endereço seguro:

London, Mis., for remitting to Miss Eliza Jones. 10. Paddington Green. W.W.

P.S.: O amigo de quem lhe falo e que é portador desta carta se chama André [Nikiforenko]. Ele chegará à sua casa, sem dúvidas, acompanhado de outro russo, um excelente rapaz, mas um pouco imprudente e falador. Herzen, na sua carta, também o recomendará por cortesia. Mas nós pedimos a sua confiança apenas para o amigo, que é o mais hábil entre os dois.

CARTA A UM DESTINATÁRIO DESCONHECIDO

Data: 1 de junho de 1862

Tradução: Camila Felicori (Redemoinho Traduções)

Nota: primeira publicação em língua original

Londres, 1º de junho de 1862
Paddington Green. W., 10

Senhor,

Certamente houve um mal-entendido e Herzen, que se esqueceu de me mostrar a carta em questão, foi a única causa. Ademais, não estou reclamando disso, já que me deu a oportunidade de renovar meu contato contigo. Aproveito a oportunidade para me explicar sobre outro mal-entendido, mais grave que o primeiro e que parece ter ganhado, notadamente, raízes entre mim e seus compatriotas. Onde o senhor viu que eu queria limitar a Polônia ao reino de 1815? Foi em meu único artigo no *Kolokol*? Mas peço-lhe que faça o favor de relê-lo, senhor, e desafio você a mostrar-me uma única palavra que sustente sua acusação que ouse qualificar como injusta, estando eu ciente de ter dito de modo explícito completamente o contrário. Eu apenas combati o chamado direito histórico e o fiz por duas boas razões: ao admiti-lo, eu deveria ter reconhecido de antemão o direito do Império Germânico ou, se você preferir, da Alemanha Confederada sobre o Reino da Boêmia, assim como a dos magiares sobre os eslavos da Hungria. Em segundo lugar, eu deveria ter renunciado ao princípio soberano da liberdade dos povos que não de-

vem, de forma alguma, se deixar aprisionar pela história. A liberdade, em todas as suas aplicações, e em todas as suas consequências rigorosas – esta é nossa palavra de ordem, e espero que também seja a sua, senhor. Que as antigas províncias polonesas, agora sujeitas ao império da Rússia, queiram, novamente, se fundir na centralização polonesa, que eles retornem a ela por um movimento espontâneo e livre das populações, tão logo a liberdade do movimento lhes seja restituída, isso nos parecerá perfeitamente justo. Mas que eles assim sejam forçados a isso, somente porque já foram, anteriormente, parte da coroa da Polônia, eis aqui o que seria injusto e que [não] se poderá. Dessa forma, toda a questão se reduz a esta: eles irão querer ou não? Para que o queiram, não basta que a pequena e a grande nobreza, que ali as constitui uma ínfima minoria, apenas um décimo de toda a população, tenham sentimentos poloneses – disto ninguém duvida; é necessário, ainda, que o povo, o chlop, os partilhe – o que, na Ucrânia, é pelo menos fortemente dubitável. Tudo se resume então a isto: a Szlachta está determinada a reconquistar, às custas de grandes sacrifícios, a simpatia e a fé popular, perdidas por suas próprias falhas, por seus crimes históricos? Ao meu ver, assim como na Rússia, é preciso que a nobreza polonesa se torne povo para que o povo a siga. Este será [sem dúvida] um enorme sacrifício de sua parte, o sacrifício de um passado brilhante, mas que será, também, o começo de um magnífico porvir. Esse é, senhor, o úni-

co e o verdadeiro sentido da “Chlopska Polska” pelo qual você me critica. Ao empregar esse termo, não tive nenhuma outra ideia. O senhor sabe que se nós fôssemos inimigos da sua pátria, como você parece acreditar, deveríamos ter ficado encantados ao ver a grande maioria da sua nobreza mergulhada em ilusões funestas. Mas é precisamente por sermos amigos sinceros da Polônia e a queremos grande, livre, poderosa, alegre, que nós estamos prontos para lhe clamar como o imperador Alexandre, mas com uma intenção inteiramente contrária: nada de devaneios!

O senhor sabe que poloneses e russos nos encontramos não apenas em posições diferentes, mas também diametralmente opostas: sua existência como nação é negada pela violência infame de três potências estrangeiras, e o senhor tende, naturalmente, à reconstituição de uma centralização do poder polonesa. Ao contrário, há um século e meio formamos um Estado poderoso, do qual somos escravos, e detestamos essa centralização que para nós significa escravidão. Somos girondinos socialistas. Longe de nos glorificarmos nessa grandiosidade monstruosa do Império Russo, queremos sua destruição radical e completa; desejamos sua queda tão apaixonada[mente] quanto vocês mesmos. Estamos muito convictos de que onde há centralização não há espaço possível para liberdade. Portanto, não apenas renunciamos de bom grado à Lituânia e à Ucrânia, mas também esperamos que a própria Grande Rússia se divida e se transforme em uma federação de províncias autônomas. O senhor estaria, então, errado em nos confundir, senhor, seja com Pce Dolgorouky, seja com Pce Troubezkoy, que acaba de dizer que publicou um panfleto sobre a questão polonesa, e que, além disso, não representava mais que uma ficção aristocrática sem fundamento e sem futuro em nosso país – enquanto nós, senhor, tivermos consciência disso, temos, atrás de nós, toda a Rússia forte e vivaz. E nós chegamos a você com boa fé, sem segundas intenções nem ciúmes mesquinhos, com uma simpatia sincera pela sua nobre pátria. Nós lhe dizemos: ainda não é o momento de organizar o porvir, primeiro é necessário destruir. Nosso inimigo comum,

que não é apenas o imperador, mas o império da Rússia, ainda não está arruinado. Ele é poderoso, nós somos comparativamente frágeis. Ao unirmos nossos esforços, nos tornaremos mais fortes. Será um grande erro de ambas as partes se não nos dermos as mãos. Mas esse erro pelo menos não será nosso. E agora, senhor, clamo que releia meu artigo no *Kolokol*. É impossível que você não encontre ali os mesmos pensamentos. Foi-me dito que esse artigo foi traduzido para o francês, e que essa tradução se encontra em Paris. Eu ficaria muito agradecido caso o senhor queira me enviar um exemplar.

Ao mesmo tempo, expresso-lhe minha simpatia.

M. Bakunin

CARTA A AURÉLIO SAFFI

Data: 29 de junho de 1862

Tradução: Nathália de Ávila (Redemoinho Traduções)

Este 29 de junho, 1862 - Londres.

10. Paddington Green. W

Caro Saffi – aproveito da partida de Madame para lhe dizer algumas palavras –, é claro que não haverá campanha neste ano e que este será um ano de preparação. Agora, para que nós nos prepararemos? Há um começo real de entendimento e de união entre a Itália, os húngaros e os eslavos, ou a gente não está se contentando apenas com algumas tentativas indecisas e insignificantes? Se assim for, e devido ao fato de que dispomos de tempo diante de nós, é necessário trabalhar para que a aliança se torne real. Não é para você que devo explicar o quanto ela será útil a cada um – aos eslavos, aos húngaros, como também à causa italiana. Irei certamente à Itália no mês de setembro, mas tive que renunciar ao meu projeto de permanecer por lá, tendo dirigido as sociedades secretas russas e consequentemente precisando ficar em Londres para consertar minha ação com aquela de meus dois amigos do “Sino”¹. O partido tcheco na Boêmia, por sua vez, visivelmente se organiza, e igualmente me reconheceram como seu chefe, nós tentamos agora nos difundir no sul da Áustria e na Turquia. Isso não está funcionando tão bem como o resto, mas temos plena confiança. Pois o pensamento é justo e bom e deve triunfar – mesmo os poloneses começam a nos procurar,

e nós já mantemos relações frequentes com os homens do país. E a Rússia está em plena revolução. Somente essa revolução funciona e se desenvolve de uma forma bastante particular e alternativamente radical em relação a tudo quanto se faz na Europa – é porque muito poucas pessoas a elaboram. Vê-se bem um mundo que submerge, mas não se percebem os germes orgânicos de um novo mundo que nós vemos nesse terrível e magnífico caos, enfim nós veremos e você verá. A revolução não está a ponto de ser feita, ela está feita. Nossa missão é a de lhe doar uma forma, uma tendência, e de colocá-la em harmonia com as aspirações vitais do que resta de vivo na Europa – e de todos os povos ocidentais, só a Itália nos aparece como amiga.

Meu caro Saffi, diga-me então tudo quanto possível, diga-me a verdade sobre o que foi feito entre a Itália, os eslavos e os húngaros – e ao mesmo tempo, quais são as suas ideias sobre o que há a se fazer.

Herzen e Ogaref te saúdam. Decerto não esqueceu meu endereço, mas, por precaução, o darei de novo à senhora. E não se esqueça de que me prometeu o seu. A senhora me prometeu enviar sua fotografia da Itália. Espero que não se oponha a isso.

Eu aperto suas mãos.
Seu grande admirador,
M. Bakunin.

¹ É a tradução do nome do jornal *Kolokol*. No original, *Cloche* (sino em francês).(N. dos E.)

CARTA A LUDWIK MIEROSLAWSKI

Data: 2-3 de outubro de 1862

Tradução: Camilla Felicori (Redemoinho Traduções)

Nota: original queimado. Publicado a partir de uma fotocópia. A imagem da página 2 está faltando.

Londres, 2 de outubro de 1862
Paddington Green. W., 10

Meu caro General – Tardei muito a lhe responder. Mas meu silêncio teve como causa muito séria o desejo de lhe dar uma resposta clara, peremptória e precisa sobre todas as questões e condições que o senhor nos apresentou em sua carta. Ao exigir de nós que não tenhamos, de agora em diante, outras relações com os poloneses, além daquelas que o senhor gentilmente nos oferece, o senhor nos põe em uma situação de extremo embaraço. Por um lado, estamos perfeitamente convencidos de que o senhor é o homem mais enérgico, o mais inteligente e o mais decididamente revolucionário da emigração polonesa; - em outros termos, somos animados pelo mais vivo desejo de caminhar como senhor. – Mas, por outro lado, não somos livres para escolher, porque os nossos compatriotas do reino da Polônia – precisamente aqueles que arriscam a sua liberdade e a sua vida – já fizeram sua escolha. – O senhor mesmo sabe muito bem que eles trabalham, há cerca de um ano, em conjunto com o Comitê Central de Varsóvia que, por sua vez, nos enviou uma carta quase oficial que o senhor encontrará impressa no último nº 146 do *Kolokol* (do 1º de outubro). – Para nós é im-

possível romper essas relações, que não foram criadas por nós, mas que apenas consagramos através da nossa simpatia e do nosso consentimento. Sendo o programa estabelecido nesta carta completamente idêntico ao nosso, não temos razão e, por consequência, não temos direito de romper uma aliança que, aos nossos olhos, e espero também aos seus, passa a ser, dia após dia, cada vez mais necessária.

Eis, em poucas palavras, toda a nossa posição. Ela não será refeita. E, por conseguinte, pedimos-lhe que nos dê a possibilidade de caminhar a seu lado, sem destruir a unidade que já existe entre nós e o Comitê Central de Varsóvia.

Aceite a expressão de minha alta estima e de minha sincera simpatia

Seu admirador
M. Bakunin

3 de outubro

Abro outra vez minha carta, General, para reclamar-lhe do modo injusto, eu diria calunioso, de como falaram do meu pequeno panfleto no jornal polaco *Baczność*; jornal que o senhor me disse ser a expressão de seus próprios pensamentos.

De um panfleto escrito diretamente contra o czar – escreveram um texto a favor dele, o que só poderia ter acontecido por falta de interesse, ou por falta de justiça e de boa fé.

Prefiro acreditar que foi o primeiro caso-, envio-lhe, por conseguinte, o meu pequeno trabalho e, na pessoa do sr. Sochnowski, portador desta carta, um tradutor e um advogado. Queira recebê-lo bem, é um camarada de Slivicki e Arnhold, que foram fuzilados, um rapaz muito inteligente e de quem espero que goste.

CARTA A KAROL EDMUND CHOJECKI

Data: 4 de outubro de 1862

Tradução: Nathália de Ávila (Redemoinho Traduções)

Nota: manuscrito incompleto. A terceira página, cuja imagem falta, é reproduzida segundo a primeira publicação.

Senhor Voulkovitch
para entregar a
Senhor Charles Edmond Chojecki
Londres, 4 de outubro de 1862
10 Paddington Green. W.

Meu caro amigo, estou muito satisfeito ao ver que seu interesse pela causa e pelo jornal eslavo não diminuiu. Sr. Zenkowicz Chodzko. Sr. Chodzko sem dúvida é um excelente homem e um sincero polonês, mas sendo de origem persa, como você bem sabe, ele chegou ao eslavismo apenas pela via sentimental e mística do Towianismo – e ele fará teorias eslavas com um traço do polonismo doentio a perder de vista. Isso não nos convém. O que nos é necessário é um jornal prático e, consequentemente, tendo sob seu comando um homem prático. Nós elegemos você, e o mantemos. Senão, vamos procurar outro redator fora dos postos poloneses, pois, segundo minha opinião, você é o único polonês livre de espírito o suficiente para redigir um jornal seriamente eslavo, e não um jornal polonês sob um pretexto estivo. Jornais poloneses já há o bastante, e você pode fundar outro se os que existem lhe parecerem insuficientes. Mas os pobres eslavos do Midi, mais aqueles da Hungria, os tchecos não possuem um núcleo,

e isso é absolutamente necessário para eles. Os poloneses devem aparecer no nosso jornal como todos os outros, a saber, no papel modesto de um dos povos eslavos, e não como o povo messiânico por excelência. E assim é.

Meu caro amigo, você nos deu sua palavra, acorrentou sua liberdade, e nós não a libertaremos das correntes. Você é nosso escravo – e sem revoltas, por favor.

Você reviu Leschinin? Qual a resposta definitiva que ele lhe deu? O dinheiro é para quando? O que ele pensa e o que você pensa da nova virada dos negócios eslavos no Midi? O que falam em sua casa sobre Garibaldi e a Itália?

Eu lhe envio os dois últimos números do *Kolokol*, como também um número do mesmo jornal que compete a um certo sr. Fontaine em Bruxelas.

No número 145, você encontra meu pequeno artigo intitulado [ilegível]. No número 146, você encontra algo mais importante: a carta do Comitê Central de Varsóvia [Centralny Narodowy Komitet] na redação da *Cloche*. São as preliminares de uma aliança, e posso lhe dizer em segredo se tratar de uma aliança positiva, concluída e ratificada, você se alegrará conosco, caro amigo. Esperamos que nossas forças reunidas levem as coisas de forma mais enérgica e mais rápida.

Anexo ainda meu pequeno folheto.

Seu admirador,
M. Bakunin

CARTA A JÓZEF ĆWIERCIAKIEWICZ

Data: 15 de outubro de 1862

Tradução: Crystiane Leandro Peres

Nota: carta enviada por Marie Corday. Primeira publicação em língua original. Publicado a partir de uma cópia.

Londres, 15 de outubro de 1862
10 Paddington Green W.

Kochany Panie²!

Graças a Deus, todos os nossos temores sobre as cartas que confiamos a Sochnovskij foram totalmente dissipados pelas suas. Ao mesmo tempo, recebi uma outra de Mierosławski, da qual me apresso em enviar-lhe uma cópia, pois é necessário que você saiba tudo o que é feito entre nós pela causa polaco-russa.

Aqui está: “Meu caro companheiro de exílio, o senhor me mostra seu constrangimento de escolher entre o que eu chamo de verdade e de erro, e o senhor fala por este; para ficar de acordo com seus compatriotas. Pode ser generoso da sua parte, ao mesmo tempo é muito perigoso. O que você honra com o nome do Comitê Central é pura ficção, acredite na minha amizade. G... o único escombros desta reunião efêmera, ficou sabendo assim que chegou em Paris, da própria boca de seu antigo representante, (o que isso significa? não é Sicora?), e não resta nenhum outro vestígio do que a declaração irritante que G... deixou-se cair em Kolokol. O efeito desse factum é desastroso. Se o senhor

afirma nos ensinar a geografia de nossa república à sua maneira, não há muito dano; estamos desistindo de refazer o mapa e a etnografia russa para o nosso, e não seremos menos bons... por isso.

Mas um polonês era apenas um capaz de jogar no desmembramento de sua pátria em nacionalidades de fantasia, é uma pena para toda a nossa escola revolucionária. Você ganhou lá um triste aliado e matou, era de outra forma viável, o último Moicano do Comitê Central. O senhor ouvirá um eco longo e formidável desse julgamento na imprensa revolucionária polonesa e, então, talvez você se lembre do que eu disse durante sua última visita a Paris. Antes de qualquer negociação, torne-se um moscovite sólido, como fizemos uma Polônia: uma parte limitada, definida e respeitável com a qual podemos finalmente conversar e chegar a um entendimento contra o Império Russo. Fora do espírito de uma possível revolução etc. etc.

L. Mierosławski

Em suma, o senhor vê, ele está muito irritado e decidiu com outros aproveitar esse mal-entendido para desacreditar e, se possível, enfraquecer nossa influência no Comitê Central de Varsóvia. Estamos aguardando seu próximo artigo em «Baczność» e não o único «Baczność», mas o «Przegląd» fará uma voz maligna ser ouvida contra nós. Não nos incomoda. Mesmo para o primeiro passo, não iremos respondê-los, mas deixaremos para você. Portanto, nos limitaremos

² “Prezado senhor!” em polonês. (N dos E.)

a discutir e entender com você da maneira mais completa no «Kolokol» a fim de dar-lhe a possibilidade de responder aos ataques de seus oponentes da Polônia. Estou enviando a você as últimas edições de «Kolokol», 146 e 147; na última o senhor encontrará nossa resposta ao Comitê Central e a resposta à carta dos oficiais russos. Espero que ambos lhes deem satisfação.

Um afetuoso e sincero amigo.

(O fogo ama o papel, queime esta carta)

CARTA A JÓZEF ĆWIERCIAKIEWICZ

Data: 30 de outubro de 1862

Tradução: Juliana Cajives (Redemoinho Traduções)

Nota: publicado a partir de uma cópia da polícia. Idioma original desconhecido. As imagens nas páginas 1 e 2 estão faltando. Com anotações de uma pessoa desconhecida.

30 de outubro

Eu lhe repito a mesma coisa que disse oito dias atrás. Tão cedo Varsóvia se levante, se eu sobreviver até esse dia, estarei lá inevitavelmente. Se o Comitê Nacional Polonês, não apresentando muitas esperanças de sucesso, definitivamente se decide por revolta, serei mais do que obrigado a ajudá-lo com o partido de meus russos. Mas a mesma convicção impõe a mim e aos meus amigos a necessidade de expor ao senhor a verdade mais amarga: não estamos de todo prontos e não poderemos nem te responder com certeza, pelas tropas russas que logo chegarão da Rússia, para substituir aqueles que estão na Polônia, temos mais que certeza de que eles combaterão contra seus voluntários e os grupos militares que juraram estar de acordo com o senhor. É impossível vencê-los em dois meses e meio. Não acredito que as tropas residentes na Polônia sejam tão bem preparadas que se possa contar com metade, um quarto ou um quinto delas, e então, se os generais não são loucos e covardes, as quatro partes vão esmagar a quinta antes da chegada de tropas da Rússia.

Tudo isso que nossos amigos dizem da participação da Prússia é mais do que certo.

Sem dúvida que entre França, Prússia e Rússia há uma sincera união e uma conspiração formal para o triunfo da reação em cada um desses países. Napoleão é agora o amigo, o conselheiro, o protetor e, ao mesmo tempo, o dominador do rei da Prússia, bem como do imperador da Rússia, que, sob sua liderança, começa a agir com maior sensatez. Na maior parte da Rússia, Alexandre introduziu o estado de sítio com uma mão e distraiu a atenção com todos os tipos de reformas legais e administrativas com a outra. Quem sabe! Nosso governo, que se tornou um tanto mais razoável, antecipando a aproximação da terrível tempestade na Polônia, e considerando os elementos hostis, que estão aumentando a cada dia e que devem, mais cedo ou mais tarde, cair sobre ele, para se livrar da guerra estrangeira, que é provável, quer, por conselho de Napoleão, nos colocar numa posição crítica onde qualquer luta é impossível. Ao aceitar essa luta, o senhor servirá aos planos de seu inimigo. Portanto, se o senhor tem a mínima possibilidade de escapar dessa luta, faça-o para salvar a Polônia. O senhor terá a complacência de responder às seguintes perguntas:

1ª Quantos recrutas serão retirados das cidades – 25 mil ou cinco mil?

2ª Quão será desmoralizado e enfraquecido o governo polonês se retirarmos cinco mil? Assim sendo, essas pessoas jamais se perderão.

3ª Na Rússia, com a nossa nova organização, e depois de todos os nossos esforços, esses homens seriam um poderoso meio de propaganda militar e de destruição do governo imperial, mais seguramente do que na Polônia. Em um ou dois anos, no máximo, eles regressariam triunfantes ao seu país. Mas é um movimento de longo prazo e, para tal movimento, segundo seu temperamento, não suponho que o senhor tenha grande habilidade.

4ª Me diga, por favor, quão bem preparados estão a Lituânia, a Ucrânia e o Grão-Ducado da Posnânia? A propaganda militar é muito ativa?

5ª Que notícias o senhor tem de Petersburgo? Porque nossas relações estão partidas; nós não sabemos de nada.

6ª Se a revolução ocorrer, por favor nos diga seu último prazo.

O senhor pode nos dar um meio seguro de comunicação com Petersburgo sem que comprometa ninguém?

Quando nos enviará Lisa ou algum oficial do exército polonês? O senhor poderá comunicar a eles os detalhes dos seus planos, de suas esperanças em relação à revolução que deseja tentar? Se sua saúde o permitir e se você julgar indispensável, venha a Londres.

Gostaria de ter conversado longamente com você e de lhe apresentar a Mazzini, que acabou de chegar e soube, aterrorizado, que o Comitê Central Nacional apenas começará sua manifestação em janeiro.

Eu lhe abraço e o espero impacientemente.

Bakunin

P.S.: comprometo-me a entregar as cartas da sra. Herten e de Ogareff para o Comitê Central. Mais uma pergunta?

Até que ponto você pode contar com os camponeses da Polônia? Se cada um deles agisse contra você, o que eu não direi, mas se permanece o testemunho impossível do que ocorrerá nas cidades, não há a menor esperança de sucesso.

ALIANÇA UNIVERSAL DA DEMOCRACIA SOCIAL SEÇÃO RUSSA. À JUVENTUDE RUSSA.

Data: março de 1870

Tradução: Luciana Brito

Nota: Publicado a partir da primeira publicação. As páginas 10-23 foram reproduzidas de um fragmento do manuscrito mantido em RGALI (Moscou).

Os olhares da democracia europeia estão agora voltados para a Rússia. Rumores de prisões em massa, agitação generalizada e preparativos para uma sublevação popular dão o que refletir até mesmo aos representantes da opinião pública do Ocidente que estão menos dispostos a acreditar que um movimento racional do povo seja possível na Rússia.

O Gabinete de São Petersburgo, incapaz de esconder o terror que o acometeu nos últimos dias durante o primeiro choque, com uma séria tentativa de emancipação do povo, contribuiu fortemente para abrir os olhos do público do Ocidente. Os artigos repletos de injúrias e calúnias publicados pelos jornais de São Petersburgo e de Moscou, numa tentativa de tranquilizar o público russo e enganar o público europeu, pelo contrário, só serviram para despertar um e outro. Finalmente, a multidão de espões russos de ambos os sexos enviados ao exterior pelo governo e a pressa preocupante dos líderes dessa turfa, os uvalovs, mezencovs, trepovs e outros, correndo como que escaldados de São Petersburgo a Berlim, de Berlim a Paris, de Paris a Viena, de lá à Suíça ou a Londres – tudo isso deu à Europa a prova definitiva de que na Rússia o movimento está definitivamente em marcha, e que o governo russo

está perigosamente ameaçado.

Todos estão se perguntando o que vai sair desse movimento. Sobre essa questão, como em todas as outras, o público na Europa Ocidental está dividido em uma série de diferentes partidos. Mencionemos os principais:

O primeiro, o partido dos reacionários comprovados ou dos conservadores a todo custo, é formado por grandes possuidores, proprietários de terras, capitalistas, negociantes, fabricantes e uma multidão de pessoas que ganham a vida por intermédio deles e, por consequência, dependem diretamente deles. A esse partido está ligado todo o mundo oficial, a grande massa privilegiada de militares e funcionários públicos de todos os estados. É inútil dizer que esse partido é hostil ao movimento do povo russo, bem como a qualquer outro movimento popular.

A essa categoria pertence igualmente, pela própria natureza de suas aspirações, o segundo partido, o dos ultramontanos ou católicos jesuítas. Esse partido está em toda parte à frente da reação mais obscura, e para cada governo ele só pode ser um aliado precioso. Ele defende, com efeito, a resignação e a submissão das massas populares aos poderes públicos, mas somente na condição de que esses mesmos poderes se submetam completamente aos mandamentos do Papa. Essa exigência, que decorre da própria essência da doutrina católica, impede que o partido ultramontano se funda completamente com o partido dos conservadores do Estado.

E, enquanto a Igreja Romana (a Igreja Protestante há muito se reconciliou e se confundiu com o Estado, tornando-se sua humilde servidora, assim como a Igreja Ortodoxa na Rússia) existir, ela permanecerá fora do Estado e será sua rival, mas, ao mesmo tempo, sua aliada inseparável. O Estado católico e a Igreja Romana se veem confrontados nessa estranha situação, em que não podem nem viver juntos nem existir um sem o outro; de modo que toda sua história é preenchida periodicamente com alternativas de ruptura e reconciliação.

No que diz respeito ao Estado panrusso, a atitude da Igreja Romana é bem diferente. Ela o considera como uma igreja nefasta, e o czar como o anticristo, como o inimigo do Papa. Portanto, não tem o mesmo ódio ao movimento popular na Rússia que o partido dos conservadores de Estado ocidentais. Ela está pronta para ver nele o dedo de Deus, o castigo da apostasia, e até estaria pronta para dar-lhe sua perigosa ajuda na esperança de que o colapso do Estado russo restabeleceria o poder da Polônia aristocrática e tornaria a Rússia acessível à propaganda católica romana.

O terceiro, que é mais um partido do passado do que um partido atual na Europa Ocidental, é o dos doutrinários, liberais moderados ou constitucionalistas, o partido da burguesia média. Ele foi próspero, poderoso, inteligente, empreendedor, durante 36 anos, de 1815 a 1851; mas como o medo da revolução social o levou a buscar a salvação, colocando-se sob a proteção da ditadura militar, ele perdeu sua inteligência, sua fé e sua força. Sua impotência é a cada dia mais manifesta. Chega ao ponto de odiar a própria palavra revolução, que o lembra de sua vergonha de ontem e de sua fraqueza de hoje. Atualmente, tem apenas importância material, e essa importância está diminuindo sob a dupla pressão dos grandes capitalistas onipotentes, por um lado, e do proletariado cada vez mais ameaçador, por outro.

Desse partido surgiu uma categoria de homens, mais enérgicos e mais radicais, que formaram o quarto partido, o dos republicanos ou o dos revolucionários exclusivamente políticos. À frente desse partido se encon-

tram hoje, na França, Ledru-Rollin; na Itália, o ilustre Mazzini. Perseguindo uma utopia, eles querem alcançar a liberdade, a igualdade, e realizar a fraternidade entre os homens e as nações sem revolução socioeconômica. Querem preservar as bases estatais e sociais da falsidade e aboli-la; prometem realizar esse milagre através da instrução democrática do povo, esquecendo, ou mesmo ignorando, que a condição prévia para essa instrução é a igualdade real, no plano econômico e social, de todos os indivíduos.

Entre o partido radical dos republicanos e o partido doutrinário moderado dos liberais constitucionais não há diferença essencial. Entre eles, o princípio é o mesmo; apenas seus temperamentos diferem. Tanto uns quanto os outros colocam na base de sua organização social: o Estado, o direito de família e, derivando deste último, o direito de herança e a propriedade privada, ou seja, o direito da minoria possuidora de explorar o trabalho da maioria não possuidora. A única diferença entre eles é que os liberais doutrinários querem concentrar todos os direitos políticos exclusivamente nas mãos da minoria exploradora, enquanto os liberais radicais gostariam de estendê-los também às massas populares exploradas. Os liberais doutrinários consideram o Estado como uma fortaleza criada principalmente para afirmar a dominação política e econômica da minoria privilegiada; os radicais, ao contrário, apresentam o Estado ao povo como um baluarte contra o despotismo dessa mesma minoria.

Reconheçamos que a lógica e a experiência histórica como um todo estão ao lado dos doutrinários! Enquanto o trabalho do povo nutrir, manter e enriquecer a classe privilegiada, o povo, incapaz de se governar, será fatalmente governado, precisamente em vista desse trabalho que lhe é imposto, não para si mesmo, mas para os outros, pelas classes que o exploram. Aqui, nenhuma Constituição, mesmo a mais democrática, pode fazer nada, porque o fato econômico é sempre mais forte do que os direitos políticos, que só têm sentido e realidade na medida em que se baseiam nela. Mesmo as palavras igualdade de direitos políticos ou Estado democrático carregam uma flagrante contradição. O Es-

tado, o direito político ou estatal, significa força, autoridade, dominação; implica, portanto, a divisão dos indivíduos em poderosos e fracos, uns gozando de direitos civis e outros sendo privados deles; supõe de fato a desigualdade. Onde todos governam, não há governos, não há Estado; onde todos os indivíduos gozam dos mesmos direitos humanos, todos os direitos políticos se abolem a si mesmos. Direito político significa privilégio; mas onde todos são privilegiados na mesma medida, o privilégio deixa de existir e o direito político é reduzido a nada. Portanto, as palavras Estado democrático e igualdade de direitos políticos significam nada mais, nada menos que a abolição do Estado e a supressão de todos os direitos políticos.

Sabemos que o partido radical não busca essa igualdade de direitos políticos. Os republicanos não estão pedindo a abolição, mas a verdadeira extensão desses direitos às massas populares. Eles demandam o impossível, enganando-se ao mesmo tempo que enganam o povo. Além disso, seu ideal já é amplamente realizado em alguns cantões suíços e nos Estados Unidos. O que segue? Apesar dessa pseudoigualdade de direitos políticos, na América como na Suíça, vemos de fato a mesma sujeição da maioria das massas trabalhadoras à minoria dos possuidores que as governam. Não há referendo (assim chamamos em certos cantões suíços um direito recente, em virtude do qual todas as leis votadas pelo Conselho Cantonal estão então sujeitas à ratificação direta e geral pelo povo) nem qualquer melhoria ou extensão da Constituição política capaz de abolir essa sujeição. Ela só pode ser destruída pela revolução social, que abolirá o Estado, a propriedade privada, o direito familiar e os chamados direitos políticos.

Falando propriamente, o partido radical perdeu hoje seu significado, seu alcance e sua força. Como o partido liberal constitucional, ele não tem futuro nem presente, e pertence inteiramente ao passado. O radicalismo republicano se manifestou em todo seu esplendor e força heroica no breve, mas magnífico e inesquecível período da Revolução Francesa, e morreu no cadafalso ao mesmo tempo que Robespierre, e Saint-Just. Babeuf

(o primeiro socialista revolucionário que deixou sua cabeça no mesmo cadafalso dois anos depois) pronunciou sua oração fúnebre. Desde então, aniquilado menos pela lâmina da guilhotina do que por suas próprias contradições internas, insolúveis por si mesmas, o radicalismo republicano, vivo, autêntico, empreendedor, forte e cheio de autoconfiança nunca mais foi ressuscitado. Seu lugar foi ocupado por uma sombra, pálida, fantástica, ainda capaz de arrastar algumas dezenas, mesmo algumas centenas de indivíduos, mas agora incapaz de levantar as massas populares. Essa mesma sombra desapareceu nos dias de junho de 1848, quando a fenda entre o radicalismo burguês e o socialismo popular, cada vez mais acentuada sob a liderança da monarquia constitucional e evidente aos olhos de todos nos primeiros dias da Revolução de 1848, jogou finalmente um contra o outro, os dois campos inimigos, em uma luta sangrenta, uma luta até a morte. A burguesia, dessa vez, venceu, mas sua vitória a matou. O povo, por sua vez, é imortal, e batizado no sangue que derramou nas barricadas de junho, partiu novamente para uma nova vida.

Sabemos que depois dos dias de junho, Mazzini e Ledru-Rollin lançaram sua maldição sobre o socialismo e assim pronunciaram sua própria condenação e a de todo o partido de republicanos políticos, que agora estava condenado a uma existência miserável e impotente. Desde então, tudo o que esse partido empreendeu, ou pode empreender, está viciado na base e só mostra da maneira mais lamentável sua impotência, devido à completa indiferença das massas populares a qualquer coisa que possa empreender. Atualmente, o radicalismo não é mais nem mesmo uma sombra, mas a sombra de uma sombra, algo impalpável, inconcebível, que desaparece por si só. Embora dizendo e acreditando ser revolucionário, ele vai em direção à reação e, em nome da fraternidade, igualdade e liberdade universais, esforça-se para proteger da destruição certa todos os pilares econômicos e estatais sobre os quais se funda toda a mentira histórica.

Qual é a atitude do radicalismo em relação ao movimento russo? Certamente, hostil. O radicalismo não se atreve a expressar

francamente essa hostilidade, porque o movimento russo é ainda assim um movimento revolucionário, e ele também se diz revolucionário. Mas a revolução russa é, no sentido mais pleno do termo, uma revolução social. Não poderia ser de outra forma na Rússia e, diante de uma revolução desse tipo, o radicalismo republicano só pode agir como um inimigo. Não querendo confessar essas disposições de espírito, ele tenta dissimulá-las, demonstrando uma desconfiança duradoura e falando do movimento russo com desdém, ou mesmo zombando dele.

A atitude adotada pelo partido radical dos republicanos ocidentais em relação ao movimento russo deve deixar este último completamente indiferente. Dissemos anteriormente que esse partido não tem força no presente nem esperança para o futuro. Apanhado entre duas forças muito reais e consideráveis, e hoje as únicas que existem: a força anacrônica, mas ainda formidável, do mundo reacionário e privilegiado, certamente condenado a um certo e iminente fim, mas que permanece poderoso graças a suas inúmeras riquezas, à sua ciência, à sua experiência secular na arte de governar e enganar os povos, graças também aos seus inúmeros exércitos e a toda a organização do Estado, e à força jovem, em plena ascensão, de milhões de proletários, que por toda parte se preparam para a revolução social, o partido radical derrete como a neve na primavera e desaparece como uma sombra sem deixar vestígios, não deixando atrás de si nenhum daqueles interesses vitais que formam a base de partidos políticos dignos desse nome. Não tem tarefas a cumprir, nada sobre que se apoiar, é estranho para todos. Ninguém entende sua língua além de algumas centenas de seguidores fanáticos, ainda não cansados de ouvir repetirem-se, em tom monótono, as velhas propostas sem sentido e sem efeito. Os homens cheios de vida e força, que estão encalhados nesse partido sem expressividade, seja por fidelidade à tradição, seja por ignorância ou inexperiência, se quiserem permanecer vivos e bem, têm diante de si duas opções: passar aberta e corajosamente para o lado do partido dos doutrinários liberais, no campo da reação declarada, ou se organizar

sob a bandeira vermelha da revolução social.

Sim, atualmente, na América como em toda a Europa e também na Rússia, existem apenas dois partidos poderosos, reais e dignos desse nome: o *Partido da Reação*, que abrange todo o mundo oficial e privilegiado, baseado na propriedade privada e hereditária, na exploração do trabalho do povo, no direito de família, na autoridade de Deus e no direito estatal; e o partido da revolução social, que luta incansavelmente pela destruição final deste mundo ultrapassado, culpado e criminoso, para construir sobre suas ruínas um mundo sem privilégios e, portanto, sem mancha e culpa, baseado no trabalho comum e obrigatório para todos, no direito natural do homem e na verdade humana iluminada pela ciência.

Assim, rejeitamos sem hesitar, no partido inimigo da reação, não apenas os reacionários comprovados e os jesuítas, mas também os liberais constitucionais e até mesmo o partido radical dos republicanos exclusivamente políticos. Então, nos dirigimos agora aos socialistas, divididos eles também em três partidos essencialmente diferentes entre si. Nós os dividimos, de início, em duas grandes categorias: o partido dos socialistas moderados ou burgueses e o partido dos socialistas revolucionários. Este partido, por sua vez, é subdividido em estatistas social-revolucionários e anarquistas social-revolucionários, inimigos de qualquer Estado e de qualquer sistema estatal.

O quinto partido, o partido dos socialistas moderados e burgueses, ou dos jesuítas sociopolíticos, pertence por toda sua natureza ao partido da reação. É composto por indivíduos que se enquadram em diferentes categorias políticas e que cortejam o socialismo com o único propósito de dar mais força a seu próprio partido político. Há conservadores socialistas, socialistas sacerdotes, liberais e socialistas radicais. Todos eles descobriram que o socialismo é uma força incrível, ascendente, e cada um deles está tentando atraí-lo para seu próprio lado a fim de recuperar sua existência decrépita e recuperar, graças a ele, seu vigor extinto. Na multidão desses exploradores maléficos do socialismo, por vezes até encontramos homens sinceros, ani-

mados por bons sentimentos, que desejam realmente melhorar a sorte do proletariado, mas que não têm nem a energia intelectual nem a vontade de colocar a questão social diretamente em toda a sua terrível verdade, de reconhecer a absoluta incompatibilidade do passado e do futuro, ou mesmo de hoje e de amanhã, e que passam suas vidas em esforços vãos para conciliar o irreconciliável. Eles gostariam, como todos os indivíduos de coração terno, ou sentados entre duas cadeiras, de organizar uma sociedade de tal forma que os lobos fossem alimentados e as ovelhas, se possível, fossem salvas. Eles são, é claro, sinceros, mas sua sinceridade causa danos consideráveis ao encobrir a hipocrisia dos malfeitores exploradores do socialismo.

Os socialistas moderados de todas as nuances concordam em um ponto essencial que caracteriza claramente sua tendência reacionária, e que condena os mais sinceros entre eles a se tornarem aliados do partido da reação, conscientes mais cedo ou mais tarde se não decidirem em tempo hábil por aderir ao partido do socialismo revolucionário.

Enquanto os socialistas revolucionários, convencidos de que é impossível emancipar o proletariado nas atuais condições de organização econômica da sociedade, exigem a liquidação social e especialmente a abolição da propriedade privada hereditária, os socialistas moderados querem, ao contrário, conservar todas as principais bases e princípios fundamentais do presente sistema econômico, e afirmam que, mesmo sob esse sistema e sob essas condições, necessárias para o progresso da civilização, os trabalhadores podem se emancipar e melhorar substancialmente sua situação material com a única virtude mágica da livre associação.

Então, eles recomendam ao mundo operário a formação de sociedades de ajuda mútua, bancos operários e associações cooperativas de consumo e produção como único meio de salvação; ao mesmo tempo, eles lhe imploram para não acreditar nos utópicos revolucionários, que lhe prometem uma igualdade impossível e, em última análise, o levam, consciente ou inconscientemente, à ruína e à morte.

Vinte anos de experiência, experiência

única em larga escala, na Inglaterra, Alemanha e França, provaram definitivamente que o sistema cooperativo, que, sem dúvida, traz dentro de si a semente da organização econômica do futuro, não pode, no momento presente e nas condições atuais, libertar os trabalhadores, ou mesmo melhorar significativamente sua situação material. A famosa associação dos trabalhadores de Rochdale, na Inglaterra, em torno da qual tanto barulho foi feito, e que em outros países deu origem a tantas tentativas de imitadores, acabou criando uma nova burguesia coletiva que, da maneira mais silenciosa do mundo, explora a massa de trabalhadores que não pertencem a ela.

O espírito prático dos trabalhadores ingleses os fez perceber que é impossível aplicar o sistema cooperativo no processo de produção e distribuição da riqueza em escala nacional sob o atual domínio do capital burguês; instruídas pela experiência, as massas dos trabalhadores mais avançados e enérgicos estão hoje entrando nas chamadas alianças profissionais (*trade unions*), criadas não para organizar definitivamente o trabalho, o que ainda é impossível no momento, mas para organizar a luta do trabalho contra o capital burguês, a luta do mundo laborioso contra o mundo dos ociosos e dos privilegiados.

Na Alemanha, existem atualmente cerca de cinco mil associações de trabalhadores fundadas principalmente por Schulze-Delitzsch, Hirsch, Duncker e outros discípulos de Schulze. E depois de muitos anos de tentativas, pode-se dizer hoje, sem rodeios, que elas não produziram nenhum resultado. A situação dos trabalhadores na Alemanha não melhorou em nada; pelo contrário, de acordo com a lei econômica bem conhecida, segundo a qual a miséria do mundo operário aumenta à medida que o capital da burguesia aumenta e se concentra em um número mais restrito de mãos, a condição dos trabalhadores na Alemanha, como em todos os outros países europeus, piorou significativamente.

Atualmente, a maioria dos trabalhadores alemães, virando as costas para os assentamentos pacíficos de Schulze-Delitzsch e Max Hirsch, estão se unindo em massa às organizações de combate, seja a antiga associação

social-democrata de Lassalle, seja na nova associação social-democrata.

Na França, o sistema cooperativo foi completamente arruinado. Ainda existem associações de consumidores e até mesmo associações de produção em algumas cidades, mas elas mal conseguem sobreviver e, atualmente, perderam toda a importância e autoconfiança. Por outro lado, a França tem mais de seis mil sociedades de ajuda mútua e de previdência em caso de doença ou velhice. O número de membros de todas essas sociedades é de cerca de 1,2 milhão, mas entre eles estão cerca de 187 mil membros honorários, pessoas que aderem a essas associações não por necessidade, mas com o objetivo de assumir a liderança da sociedade no interesse de seu partido ou do governo. Das 6.098 sociedades desse tipo, 4.272 foram fundadas e são apoiadas pelo governo, que, em troca dessa assistência, se reservou o direito de nomear os presidentes. Observaremos que nas sociedades que se beneficiam do apoio do governo, para 785.852 membros trabalhadores, há 176.746 membros honorários, ou seja, para nove trabalhadores, dois membros honorários: prefeitos, subprefeitos, juizes de paz e outras personalidades, naturalmente, ricos e influentes, dedicados ao governo de Napoleão III.

Tal era, há um ano, a situação das massas trabalhadoras na França. Hoje, tudo mudou. Criado pela própria força das coisas, um novo espírito revolucionário penetrou no proletariado francês, e este recuperou sua força ao sentir a fé e as forças destrutivas do passado reviverem dentro dele. Ninguém pensa mais na cooperação como meio de salvação, ninguém tem mais confiança nela, e todas as associações de trabalhadores existentes em toda a França estão sendo transformadas e unificadas em uma grande federação para liderar a luta revolucionária do trabalho contra o capital.

Mencionemos ainda a Itália e a Espanha. Na Itália, não mais de um ano atrás, não poderíamos mencionar sequer uma associação de trabalhadores verdadeiramente socialista. No centro e sul da Itália, assim como no Piemonte, a maioria dos trabalhadores havia formado sociedades organizadas de ajuda

mútua e de previdência, como as associações governamentais francesas, sob o mesmo controle governamental e com a interferência direta de autoridades de todos os tipos, desde o prefeito até os chefes de polícia. Na Lombardia e em Gênova, ainda encontramos algumas associações cooperativas fundadas pelos liberais; mas, nessas duas regiões, a maioria das associações cooperativas está sob a liderança nacional e política exclusiva de Mazzini, que persegue hoje, como há quarenta anos, com uma perseverança que agora se transforma em uma teimosia funesta, o mesmo objetivo do passado: reconstituir uma Itália unificada, forte e estatalmente centralizada, com Roma, capital do mundo, consumindo em vão as últimas forças de sua outrora tão feroz vontade, para reanimar e reerguer a decrépita burguesia italiana, em nome de Deus e do povo.

Observemos de passagem que há três anos, Mazzini e, depois dele, Ledru-Rollin, deram sua bênção ao sistema cooperativo. Até 1867, eles rejeitavam, indignados, a questão social, para a qual tinham apenas maldição; do alto de seus ideais metafísicos, jurídicos e políticos, eles falaram com indizível desdém de todas aquelas tentativas sem sentido das massas trabalhadoras para melhorar sua condição material e os convidaram a se colocar ao supremo serviço da grandeza abstrata do Estado republicano. Mas aqui novamente o curso dos acontecimentos e a força das coisas quebraram sua vontade soberbamente obstinada. Para não perder os últimos resquícios de sua influência sobre as massas populares, eles tiveram que curvar suas cabeças orgulhosas diante do poder ascendente e onívoros do movimento socioeconômico. Eles terminaram por se declarar socialistas. Mas quais socialistas? Socialistas do sistema cooperativo burguês. Por uma fatalidade que, de resto, atinge sempre apenas aqueles que, afastando-se da realidade mais evidente, perdem a capacidade de compreender sua evolução, Mazzini e Ledru-Rollin declararam-se partidários do socialismo cooperativo justamente no momento em que todos os homens viris, e sobretudo as massas operárias, desapontadas por esse socialismo, estavam ostensivamente assumindo uma

orientação diferente e mais radical.

Atualmente, a Associação Internacional dos Trabalhadores, que, em Nápoles, havia conseguido fundar sua primeira seção há apenas um ano, está se expandindo por toda a Itália, e nenhuma contramedida do governo, dos liberais ou dos radicais será capaz de deter sua marcha irresistível. Além disso, todos conhecem o programa da Associação Internacional.

Na Espanha, as coisas estão indo como na Itália, mas com mais força e velocidade. A última revolução abriu os olhos dos trabalhadores espanhóis. A amarga experiência de ontem mostrou-lhes que não deveriam depender dos republicanos políticos, centralistas, ou mesmo federalistas. Na Espanha, especialmente na Catalunha e Andaluzia, antes da revolução, existiam algumas associações cooperativas fundadas pelos democratas e socialistas burgueses da escola de Garrido e de Pi y Margall. Tudo isso está sendo agora dominado pelas poderosas ondas de propaganda da Internacional Socialista. A Espanha se prepara para a revolução social.

Assim, o socialismo burguês moderado e cooperativo é condenado em toda parte, liquidado em toda parte. A experiência provou que isso não é viável. Já antes, sua impossibilidade havia sido teoricamente demonstrada.

Os economistas dignos desse nome de duas escolas opostas, a dos liberais e a dos comunistas científicos, que divergem em todos os outros pontos e concordam em apenas um, há muito expressaram a mesma convicção, baseada na ciência real, ou seja, no estudo rigoroso da evolução dos fatores econômicos, convicção de que, dada a atual organização da economia pública e da produção de mercado, e de que o aumento, a dominação e a concentração do capital que necessariamente se seguem, as associações de trabalhadores, quaisquer que sejam seus esforços, não estão em condições de liberar o trabalho de sua opressão; a convicção, digo eu, de que os bancos operários, alimentados unicamente pelas economias magras e, na maioria das vezes, impossíveis das massas trabalhadoras, nunca poderão competir com os poderosos bancos universais da oligarquia burguesa; e isso devido ao crescimento in-

cessante da força de trabalho e das barrigas famintas, um crescimento cada vez mais acelerado pela concentração do capital em cada vez menos mãos, e pela inevitável transformação da pequena burguesia em proletariado, os trabalhadores, se não querem morrer de fome, são obrigados a competir cada vez mais uns com os outros, concorrência levada ao extremo, ou seja, ao limite do que custa manter e alimentar um indivíduo; e que, portanto, todas as associações operárias de consumo, ao baixarem os preços dos produtos de primeira necessidade, causam fatalmente uma diminuição dos salários, em outras palavras, um agravamento da condição dos trabalhadores. Finalmente, as associações de produção só são possíveis nos ramos da indústria que não são monopolizados pelo grande capital, já que nenhuma associação de trabalhadores é capaz de competir com o grande capital no nível de produção do mercado. E como o grande capital, movido por uma necessidade imanente, tende necessariamente a colocar as mãos em todos os ramos industriais sem exceção, as associações de trabalhadores estão destinadas a sofrer o mesmo destino que a pequena e média burguesia: uma miséria geral, inescapável, uma submissão servil ao capital oligárquico e a absorção de toda a pequena e média propriedade pela grande propriedade de algumas centenas de pessoas ricas em toda a Europa.

Embora concordando em reconhecer esse fato inegável, economistas e comunistas só diferem substancialmente um do outro em suas conclusões. Os economistas chegaram à conclusão de que as massas populares, os milhões de trabalhadores, estão condenados para sempre por uma lei natural e imutável à miséria, à ignorância e à servidão, e que somente um pequeno número de trabalhadores, talvez um em cada dez mil, pode ter a esperança, graças à sua genialidade, à sua excepcional força de caráter e com a ajuda de circunstâncias favoráveis, de emergir da massa de milhões de escravos explorados e ocupar seu lugar na sociedade pouco numerosa dos senhores exploradores. Quanto aos milhões de infelizes, condenados pela lei do bronze a uma existência pouco diferente da do gado, esses senhores lhes propõem, como

consolo, colocar sua esperança em Deus e em uma vida além-túmulo, na qual eles mesmos não acreditam.

Os comunistas, assim como os economistas, reconhecem perfeitamente o estado de coisas existente; eles até concordam que, enquanto subsistir a atual ordem social, fundada antes de tudo na propriedade privada, nenhuma força ou esforço será capaz de mudar esse fato. Mas ao mesmo tempo, sem questionar a lei natural do bronze, descoberta e ensinada pelos economistas, aceitando-a mesmo para o passado, eles a rejeitam para o futuro, talvez para o presente. Sabem que através de sua evolução histórica, a raça humana, saída da animalidade, tende necessariamente a realizar sua humanidade na Terra; que no passado os homens devoravam uns aos outros como animais selvagens; que mais tarde os mais inteligentes ou mais fortes fizeram os outros de escravos, que depois se transformaram em servos, e de servos em escravos do trabalho livre; e que finalmente hoje nos é confiada pela história a grande e sagrada tarefa de transformar os milhões de proletários em uma comunidade humana, livre e igualitária em direitos. Mas como, sob o atual regime econômico e político, essa transformação é de fato impossível, os comunistas concluem que é necessário derubar e abolir esse regime e substituí-lo por outro sob o qual a igualdade espontânea dos homens não só será possível, mas até mesmo necessária.

Qual é o papel dos socialistas burgueses entre esses dois partidos tão sérios, um e outro, e lógicos consigo mesmos? O de charlatões ou imbecis, e muitas vezes ambos ao mesmo tempo. É por isso que esse partido médio, se assim se pode chamar, perdeu toda a importância, de modo que é melhor ignorar sua atitude em relação ao atual movimento russo. As Associações Internacionais do Trabalho foram as que mais contribuíram para sua aniquilação.

A Associação Internacional Nada poderia ser mais simples e, em aparência, mais modesto do que seu princípio. Em setembro de 1864, foi realizada em Londres uma reunião de trabalhadores ingleses, franceses e alemães para protestar contra os atos revol-

tantes do imperador russo na Polônia. No final da reunião, alguns cidadãos, entre eles o famoso comunista alemão Karl Marx, um dos principais fundadores dessa Associação, propuseram que fosse examinada uma velha ideia deles: a formação de uma vasta associação internacional para defender os direitos do trabalho contra o capital. A ideia foi adotada em meio a um entusiasmo unânime. A reunião nomeou uma comissão para elaborar o programa da nova associação.

Dois programas foram propostos: um do ilustre Mazzini, o outro de Marx.

Mazzini propôs seu velho programa que todos conhecem: Deus e o povo; a revolução política internacional na forma da derrubada de todos os governos monárquicos e a fundação de uma Federação das Repúblicas Europeias; em uma palavra, o mesmo programa que ele segue até hoje. Quanto à questão social, Mazzini, fiel a seus princípios, naturalmente a relegou para segundo plano; a melhoria da condição material das massas trabalhadoras deveria ser a consequência natural da revolução política, da instauração da república, da instrução do povo em larga escala e das leis democráticas.

O programa de Marx, por outro lado, não diz uma palavra sobre Deus, sobre a revolução ou sobre a república. Deus é totalmente excluído. No que diz respeito à emancipação real dos indivíduos, não há lugar para Deus. A república, embora não mencionada nesse programa, deriva como uma necessidade de cada linha, não como um sistema político positivo, mas como uma negação de qualquer governo exercido pela monarquia, ou por qualquer classe que seja; e finalmente, sem fazer a mínima referência à revolução, o programa contém a mais completa e radical revolução político-social de que vimos ou ouvimos falar até agora.

Aqui estão as bases desse programa:

1. a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores;
2. os esforços dos trabalhadores devem ser direcionados não para criar novos privilégios, mas para estabelecer para todos os indivíduos, sem exceção, os mesmos direitos e deveres;

3. a sujeição do trabalhador ao capital é a fonte de todas as servidões, políticas, morais e econômicas;

4. todos os esforços dos trabalhadores têm sido até agora infrutíferos apenas por causa da falta de solidariedade entre os trabalhadores de todos os países;

5. a emancipação dos trabalhadores não é uma questão local ou nacional, mas essencialmente internacional.

Isso é tudo. O que poderia ser mais simples e mais inocente? E, no entanto, quem não vê que essas verdades elementares e indiscutíveis, em conjunto, trazem em si a mais absoluta condenação e a inevitável abolição das atuais instituições religiosas, políticas, familiares, patriarcais, legais e socioeconômicas?

O programa de Mazzini foi rejeitado; o de Marx foi adotado e, com base nesse programa, uma assembleia de delegados ingleses, franceses, alemães, belgas e suíços, dirigidos a Londres em 1865, fundou definitivamente a Associação Internacional de Trabalhadores.

Vocês veem que, nesse programa, não há uma palavra sobre a política. Certamente, o objetivo fixado é a abolição de toda servidão, ou seja, de toda política, de todos os Estados ou, o que equivale à mesma coisa, de toda dominação do homem sobre o homem. Não há o menor esboço de qualquer forma de regime político. Pelo contrário, a própria existência da Associação Internacional e sua atividade são colocadas direta e voluntariamente fora de todos os partidos presentes e passados, pela boa razão de que todos eles, por sua própria essência, confiando em igual medida no direito de propriedade e no direito do Estado, ambos opostos aos interesses do trabalho e das massas trabalhadoras, são apenas diferentes tons do mesmo partido: o da burguesia exploradora e o da reação.

Os fundadores dessa vasta e benevolente Associação, convencidos de que a servidão econômica é a principal causa de todas as outras formas de escravidão do povo, descobriram o que Arquimedes havia buscado em vão: o ponto de apoio para sublevar e derubar o mundo histórico e privilegiado da religião e do Estado; eles o descobriram na

luta econômica e na revolta econômica do trabalho contra o capital, do homem contra o cidadão.

Partindo desse ponto de vista, os fundadores da Associação Internacional decidiram que em seu seio serão admitidos de preferência – mas não exclusivamente – os trabalhadores e as associações operárias de toda natureza, incluindo, é claro, os trabalhadores da terra; todas as associações locais ou nacionais que o desejarem podem aderir à Associação, assim como pessoas – no entanto, não de outra forma que individual – originárias de outras categorias sociais, mas sob duas condições, igualmente obrigatórias para todos os aderentes: 1) plena solidariedade de todos na luta do trabalho contra o capital; e 2) reconhecimento expresso do princípio de que todo trabalhador tem o direito e o dever de exigir que lhe seja pago o produto integral de seu trabalho.

Assim, àquele que adere à Associação Internacional não é feita a menor pergunta sobre suas convicções religiosas ou políticas. Só é questionado se pretende se submeter a todas as condições dessa solidariedade e se aceita, com todas as consequências que isso implica, e as aplicações que dele podem ser feitas, esse princípio. Se responder afirmativamente a essas duas perguntas, e se sua vida passada, sua situação real e seu temperamento forem tais que inspirem confiança em sua lealdade, as portas da Associação Internacional estarão bem abertas para eles.

Essa ampla e fácil recepção pode parecer imprudente para alguns. Parece impossível que um cristão que promete ao trabalhador cansado que Deus o recompensará do lado de lá possa sinceramente dar-se ao trabalho de fazê-lo recompensá-lo aqui embaixo; ou que um homem, que pertence conscientemente ou não a um partido político qualquer, mas que procura necessariamente fazer o povo tirar as castanhas do fogo, não para o povo, mas para ele, queira a emancipação total das massas trabalhadoras. E de fato isso é impossível: o cristianismo, e em geral qualquer religião – qualquer que seja sua atitude em relação aos sonhos de Deus ou do além –, assim como qualquer outra vontade política, exceto aquela que quer abolir o Estado e

o poder estatal na Terra, são absolutamente incompatíveis com a vontade de emancipação universal das massas operárias. Mas tudo isso, devido ao baixo nível geral e na ausência de uma consciência clara, plena e científica das coisas na maioria dos seres vivos, essas duas tendências diametralmente opostas e mutuamente exclusivas, sem qualquer intenção maliciosa de sua parte, continuam a coexistir.

Aqui, sem dúvida, deve ser feita uma distinção entre os indivíduos pertencentes ao mundo educado e privilegiado e aqueles que formam a massa trabalhadora. Os primeiros estão, em sua maioria, acorrentados à falsidade religiosa, metafísica, política, jurídica e socioeconômica, primeiro, por seu interesse próprio; segundo, por toda sua educação, pelos preconceitos de seu meio, que só subsistem graças à exploração do trabalho do povo; e, enfim, por sua instrução unilateral e falsa, por ser inteiramente fundamentada nessa exploração. Sabemos que todos os indivíduos, sem exceção, são o produto de seu ambiente; e são necessárias muitas, muitas circunstâncias favoráveis e imensos esforços pessoais para que o indivíduo, que nasceu e viveu metade de sua vida em um ambiente privilegiado, possa escapar completamente da influência nefasta daquele ambiente.

A maioria dos indivíduos de uma forma ou de outra privilegiados compõe, pode-se dizer, apesar de si mesmos, o partido da reação. A fim de transformá-los e permitir que se tornem homens úteis e justos, devemos destruir de cima para baixo seu universo, tirando-lhes a capacidade de viver às custas do povo, seja como parasitas, ou como governantes, ou seja, de explorar as massas populares a seu próprio gosto e lucro.

Em oposição a ela, uma maioria muito pequena é composta de indivíduos verdadeira e profundamente sinceros, que conseguiram escapar inteiramente das influências de todos os tipos de seu ambiente anterior e dedicar-se de corpo e alma à causa do povo. Mas apesar da sinceridade inquestionável de suas novas aspirações, esses indivíduos precisam se observar muito seriamente para que não caiam inconscientemente mais ou menos em seus erros antigos e em seu egoísmo, vaidade

e ambição de outrora. Liberar-se dos velhos hábitos não é fácil! Eles só desaparecem realmente quando a antiga situação social não existe mais. Qualquer um que reflita um pouco sobre a natureza do homem não confiará presunçosamente em sua própria vontade, em sua própria energia; sabe que nenhum sentimento, nenhuma intenção, por mais nobre e magnânima que seja, é capaz de resistir à inexorável lei sociofisiológica, segundo a qual o homem mais forte, mais generoso e mais inteligente é o produto, o escravo de sua própria situação. Quem deseja permanecer puro e sincero no plano individual, moral e social deve começar por se livrar de tudo o que possa dotá-lo de uma existência separada, diferente da do povo e, portanto, contrária à nobre causa da emancipação universal; deve romper os últimos laços: materiais ou econômicos, familiares, sociais e políticos, os quais, sem que ele mesmo se dê conta, podem infalivelmente prendê-lo ao mundo estatista e privilegiado. Os indivíduos que têm energia suficiente para realizar esse ato de coragem então se tornam preciosos.

Entre a maioria reacionária e a pequena minoria de indivíduos sincera e completamente dedicados à causa da emancipação do povo, existe, nas esferas estatistas e privilegiadas, toda uma categoria social relativamente importante, se não pelo número, pelo menos pela influência nociva que exerceu no passado sobre as massas populares e que, ainda hoje, embora em grau incomparavelmente menor, constitui às vezes um obstáculo ao movimento socialista revolucionário. Fazem parte dessa categoria os indivíduos que mental e sentimentalmente são devotados, mais ou menos sinceramente, à causa do povo, mas que, ao mesmo tempo, por sua situação social e pelas vantagens materiais e políticas que dela derivam, por seus hábitos, relações familiares e sociais, pertencem ao mundo que é inimigo dessa causa. Essas pessoas são as mais lamentáveis e, ao mesmo tempo, as mais preocupantes. Enganando-se tanto quanto enganam as massas populares pela sinceridade de seus sentimentos para com o povo, os melhores entre eles, ao mesmo tempo em que têm constantemente as palavras bem-estar e emancipação do povo

na boca, submetem-se à lei inexorável de que a situação social é sempre mais forte que a vontade do indivíduo e, infelizmente, na maioria das vezes, sem suspeitar, trabalham para a reação. Essas pessoas abundam nas fileiras dos republicanos exclusivamente políticos e dos socialistas burgueses, bem como nas fileiras do partido da ditadura ou do Estado social-revolucionário, que discutiremos mais adiante.

Ao aderir à Associação Internacional, os indivíduos pertencentes a essa categoria podem constituir um perigo real para ela. Como verdadeiros demagogos, eles só querem abolir o Estado existente para criar uma nova forma de estatismo, em outras palavras, de dominação, se não para seu próprio benefício, pelo menos em favor de sua ambição, sua vaidade, cuja satisfação traria infalivelmente vantagens materiais para eles. Eles constituem um perigo, porque podem influenciar as massas populares, encorajando tanto uma perigosa paixão popular quanto um preconceito fatal contra o povo, ou seja, a sede de vingança que muitas vezes leva o povo a buscar, obviamente prejudicando-se, sua satisfação, emancipação e salvação na supressão direta das pessoas, não das coisas e sistemas sociais que constituem a força e engendram a imoralidade de indivíduos pertencentes ao Estado e ao mundo privilegiado; e o preconceito, infelizmente ainda profundamente enraizado nas massas populares, em favor de um poder estatal autoritário, obviamente não mais das classes privilegiadas, mas do povo; como se o poder oficial pudesse alguma vez se tornar o verdadeiro poder do povo, e como se não fosse já por si só a causa direta do regime de classes, ou das classes estatais!

Por todas essas razões, a Associação Internacional, ao aceitar em seu seio pessoas das classes privilegiadas, é muito mais rigorosa em relação a elas do que em relação aos trabalhadores. Se estes últimos se agarram a preconceitos políticos ou religiosos que só podem ser prejudiciais, não é, escusado será dizer, em nome de seus interesses, mas contra eles e contra seu profundo desejo natural de melhorar sua condição material. Agarraram-se a esses preconceitos por ignorância e pelo funesto erro tradicional que deles resul-

ta, e muitas vezes os pressionam a buscar a salvação onde só encontrarão sua perda.

As massas populares formam suas convicções, boas ou más, não através da cultura livresca, ou da meditação, mas por uma lenta e penosa experiência histórica, pelos sofrimentos e desgraças históricas, do que se deduz que suas convicções estão natural e profundamente enraizadas. Seria um grave erro da parte de homens que desejam sinceramente que a emancipação do povo declare abertamente guerra ao preconceito popular por meio de propaganda escrita ou verbal em favor do livre pensamento. Tal propaganda não poderia ter o menor efeito sobre o povo, só poderia irritá-lo. As pessoas pensam com base em fatos e não em palavras; na maioria das vezes, elas abominam as palavras. Portanto, é pelos fatos que se deve convencê-las e não pelos raciocínios abstratos. A beatice do povo está menos em seu intelecto do que em sua condição; portanto, é nessa condição que vamos agir.

Os fundadores da Associação Internacional entenderam isso muito bem. Se, desde o primeiro dia, eles tivessem levantado a bandeira antirreligiosa e antimonárquica, a imensa maioria dos trabalhadores não os teria seguido. Eles talvez tivessem conseguido fundar uma seita, enquanto que, para atingir os objetivos estabelecidos, é necessário agrupar todas as massas trabalhadoras da Europa. É por isso que, deixando de lado todas as questões políticas e religiosas, os fundadores da Associação ergueram a bandeira na qual estavam gravadas estas palavras: “Lutar até a morte até o triunfo completo do trabalho sobre o capital”.

Vejamos o que ela já conseguiu. A Associação Internacional dos Trabalhadores existe há apenas cinco anos e, sob sua bandeira, já se reúnem mais de dois milhões de indivíduos, europeus e americanos, mais ou menos organizados.

Somente na Inglaterra, oitocentos mil trabalhadores admiravelmente organizados e repartidos em diferentes sindicatos de ramo aderiram, este ano, à Associação Internacional. O Sindicato Nacional do Trabalho dos Estados Unidos da América, que também tem oitocentos mil membros, se declarou,

neste mesmo ano, solidário à Associação Internacional.

Apesar de todos os esforços de Napoleão III e das ações judiciais instauradas nos últimos anos pelos governos contra os membros da Associação Internacional, seu princípio e os laços de solidariedade com ela foram aceitos pela esmagadora maioria dos trabalhadores franceses, cujo número não é inferior a oitocentos mil (só em Paris há mais de cem mil trabalhadores perfeitamente organizados, profunda e conscientemente imbuídos do espírito revolucionário socialista).

Na Alemanha e na Áustria, a Associação Internacional enfrentou os mesmos obstáculos por parte do governo e da polícia, o que não impediu, no entanto, a nova Associação Operária Social-democrata, que tinha cerca de 125 mil membros na Alemanha e mais de cem mil na Áustria, se reconhecesse, em seu primeiro congresso em Eisenach, em agosto de 1869, como sendo inteiramente solidária com a Associação Internacional.

O mesmo acontece na Espanha, mas com muito menos obstáculos por parte do governo. Só o Sindicato Federal dos Trabalhadores, com sua sede em Barcelona, possui quase 125 mil membros. Em Madri, principalmente no sul da Espanha, as associações estão crescendo e se multiplicando com incrível rapidez, e todas elas se declaram aderentes à Internacional.

Na pequena Bélgica, essa Associação conta com mais de sessenta mil membros. As perseguições sem sentido e sangrentas empreendidas pelo governo liberal belga não só não conseguiram deter seu desenvolvimento verdadeiramente surpreendente, como, pelo contrário, o intensificaram e aceleraram. A Associação Internacional na Bélgica hoje supera, por sua organização exemplar, as sociedades operárias de todos os outros países.

Na Itália, e especialmente no sul, a organização das sociedades de trabalhadores que declaram adesão à Associação Internacional está progredindo rapidamente. Absorvido pelas perseguições às associações políticas, o governo tinha prestado pouca atenção aos sucessos da Internacional, mas, nos últimos tempos, também empreendeu perseguições

contra ela que só serviram para estimulá-la, o que dá razão para esperar que, de agora em diante, ela se desenvolva ainda mais rapidamente. Dentro de um ano, haverá na Itália cem ou duzentos mil membros da Associação Internacional de Trabalhadores.

Na Suíça, essa Associação conta com pouco mais de dez mil membros. Isso pode parecer estranho. Mas deve-se levar em conta que a Suíça é um país pequeno, com uma população de pouco mais de 2,6 milhões de habitantes – e, além disso, é uma república burguesa. A maioria dos trabalhadores suíços ainda se orgulha de seus pseudodireitos civis; eles não veem e não compreendem que todos esses direitos são reduzidos a um: eleger a cada ano, entre o meio burguês, novos legisladores e novos governantes, ou seja, novos mestres exploradores. Entretanto, mesmo na Suíça, a Associação Internacional está ganhando terreno, embora mais lentamente do que em outros países, menos livres e não republicanos, mas com progressos visíveis e cada vez mais rápidos.

A Holanda só recentemente aderiu ao movimento. A propaganda e a organização da Associação Internacional já alcançaram resultados importantes em Amsterdã, Roterdã e Utrecht.

“Resta, portanto”, diz o panfleto do qual tomamos parte dessas informações [Almanaque da Internacional para 1870. Liège, Alliance typographique, rue sur Meuse, 8], “estabelecer nossa bandeira na Suécia, Grécia, Turquia e Rússia; para os três primeiros países, sem dúvida, isso não acontecerá em breve. Quanto ao último, uma imensa propaganda socialista está sendo feita há muito tempo e, além disso, naturalmente, que lá a massa de camponeses é socialista”.

Está claro, pelo que acabamos de dizer, que em um ou dois anos a Associação Internacional terá na América e na Europa não dois milhões, mas três, quatro, cinco ou mais milhões de membros dedicados e bem organizados.

Seu poder já é realmente considerável, e levou apenas cinco anos para se organizar. No início, os governos, de fato toda a burguesia europeia, desprezaram e zombaram da

Internacional; em seguida, considerando-a incômoda, começaram a persegui-la por todos os meios possíveis, esperando assustá-la. Agora são eles que tremem diante dela, convencidos de que ela não pode ser derrotada nem destruída.

Como prova, citamos essa admirável confissão do “Times”, o órgão londrino mais importante da oligarquia burguesa inglesa, e pode-se até mesmo dizer da burguesia universal: “Admitimo-lo, rimos dessa estranha Associação! Será que acreditamos, há quatro anos, que ela estava destinada a desempenhar tal papel no universo, para adivinhar sua importância futura, seu rápido e inédito progresso? Para testemunhar na história o espetáculo de uma organização tão formidável e de tal propaganda, fazendo milhares e milhões de prosélitos, seria preciso voltar aos primeiros tempos, ao próprio nascimento do cristianismo!”

Como a Associação Internacional poderia alcançar resultados tão importantes e surpreendentes? Somente através de propaganda prática, desde o início, apenas em nome da emancipação econômica dos trabalhadores. Em todos os países, encontrou em sua propaganda um ponto de apoio certo, constante e idêntico na aspiração instintiva de todos os trabalhadores, sem exceção, de ver melhorar o máximo possível seu destino infeliz, e no ódio não menos instintivo de cada trabalhador por seu patrão, a encarnação do insuportável despotismo do capital explorador. Além disso, desde o início de sua formação, a Associação Internacional encontrou um terreno bem preparado.

Nos grandes países industriais, e precisamente na Inglaterra, França, Bélgica e Alemanha, desde a introdução da mecanização, do vapor como força motriz e da grande indústria capitalista organizada, as crises econômicas se tornaram um fenômeno social inevitável, que ocorre periodicamente e em intervalos cada vez mais curtos. Onde a indústria é mais próspera, os trabalhadores são periodicamente ameaçados pela fome. Essa situação levou naturalmente a crises do trabalho, um movimento operário, greves, primeiro na Inglaterra (nos anos 1920), depois na França (nos anos 1930), e finalmente

na Alemanha e Bélgica (nos anos 1940).

A miséria comum, e suas causas também comuns, deram origem nesses países a associações poderosas, a princípio puramente locais, com vistas à ajuda mútua, à defesa e à luta comum. No ano da fundação da Associação Internacional, Inglaterra, França, Alemanha e Bélgica foram literalmente cobertas por tais associações. Além disso, a Associação Internacional encontrou valiosos auxiliares no que restava das antigas sociedades comunistas: na Inglaterra, a escola de Owen; na França e na Bélgica, as escolas de Buonarroti e Cabet; na Alemanha, a escola de Marx, Engels, Philipp Becker; e finalmente na Suíça, os seguidores de todas essas escolas, exceto a de Owen, foram agrupados em associações compostas quase exclusivamente não de cidadãos suíços, mas de trabalhadores franceses e alemães. É certo que a maioria das sociedades comunistas foi varrida pela onda de reação que tomou o país após a derrota da Revolução de 1848. Dezenas de milhares de socialistas franceses, como eram chamados na época, foram deportados para Argélia e Cayenne. A fim de escapar da perseguição e da fome, os socialistas ingleses, cartistas e owenistas, assim como os comunistas alemães, emigraram em massa para os Estados Unidos da América, para onde levaram sua propaganda ardente e fecunda. No entanto, na Europa, restaram seguidores suficientes das antigas escolas socialistas para apoiar a causa da Internacional. Esses sobreviventes tornaram-se os pioneiros, os apóstolos e os principais fundadores e propagandistas da Associação Internacional em toda a Europa.

Nesse terreno bem preparado e com militantes corajosos o bastante para torná-lo ainda mais fértil, a propaganda da Internacional fez rápidos progressos. Restava à Internacional explicar aos trabalhadores dos países acima mencionados, que aspiravam em igual medida, e que já buscavam conscientemente, à emancipação, 1. que para atingir seus objetivos, a associação em nível local, ou mesmo nacional, não é suficiente, a solidariedade internacional ainda é necessária; e 2. que para obter uma melhoria real, por menor que seja, em suas condições, os trabalhadores devem buscar não paliativos,

mas a libertação total do jugo do capital.

Sem mencionar as razões e conclusões científicas, a vida diária dos trabalhadores mostra-lhes que a solidariedade internacional é indispensável.

O que os fabricantes fizeram a cada nova greve trabalhista que foi convocada, seja pelo aumento de salários, seja por diminuição das horas de trabalho? Eles chamaram outros trabalhadores de países onde os trabalhadores, ainda mais oprimidos, estão acostumados a ganhar menos e a trabalhar mais. Qual deveria ser a atitude dos trabalhadores em greve nesse caso? Afastar os recém-chegados, impedindo-os de trabalhar? Os trabalhadores têm usado e continuam a usar esse meio legítimo ao mais alto grau (do ponto de vista humano, mas não do ponto de vista jurídico ou político). Mas raramente conseguem: os governos, sob o pretexto de defender a liberdade de trabalho (ou seja, o direito dos fabricantes de explorar sem vergonha e impunemente o trabalho dos pobres), sempre tomam o lado dos fabricantes, e armados com todo o enorme poder do Estado, contra o qual nenhuma organização local de trabalhadores é capaz de lutar, concedem proteção aos recém-chegados, forçando assim os grevistas a voltar ao trabalho.

Então, resta aos trabalhadores apenas um meio: dar à propaganda e à solidariedade dos trabalhadores a máxima amplitude e abrangência para garantir que os fabricantes não possam obter outra mão de obra em nenhum lugar, e que os trabalhadores estrangeiros não mais concordem em assumir o trabalho abandonado pelos trabalhadores locais; dito de outra forma, fundar a solidariedade internacional, a Associação Internacional.

Dissemos acima que, no atual sistema econômico, como resultado do crescimento incessante da mão de obra e dos estômagos vazios, os salários são determinados em grande parte pelo custo dos produtos indispensáveis à pobre existência do trabalhador. É a esse limite que os salários procuram constantemente se aproximar, às vezes caindo abaixo dele, mas não por muito tempo; às vezes subindo acima dele, mas nunca sensivelmente. Quando os salários caem abaixo desse limite, a necessidade, a fome, a doença

e a morte têm lugar; quando se elevam acima dele, surge uma satisfação momentânea e, naturalmente, muito relativa, levando a um inevitável aumento do número de pessoas que desejam fazer um trabalho remunerado e, conseqüentemente, uma diminuição forçosamente necessária das taxas salariais.

As variações periódicas nos salários são determinadas, como sabemos, pela demanda dos produtos fabricados e pela concorrência entre os produtores, o que obriga cada um deles a baixar seus preços o máximo possível. Como o preço de um produto é determinado em grande parte pelos salários, todos os fabricantes produtores devem esforçar-se para pagar o mínimo possível a seus trabalhadores, precisamente para poder oferecer seu produto, com lucro para eles, ao preço mais baixo. Mas o fabricante que, graças aos baixos salários pagos a seus trabalhadores, vende suas mercadorias mais barato do que outros fabricantes, obriga assim estes últimos a vender igualmente suas mercadorias pelo mesmo preço e a reduzir os salários. De sorte que, uma queda nos salários em um país leva necessariamente à mesma queda em todos os outros países; fica claro, portanto, que os trabalhadores que recebem os salários mais baixos devem querer e se esforçar para garantir que os trabalhadores de outras localidades e outros países recebam e exijam na mesma medida um salário mais alto por cada hora trabalhada, ou a mesma redução na jornada de trabalho. Mas isso não pode ser conseguido de outra forma que não seja pela solidariedade internacional, isto é, pela organização e pela ação em toda a parte conjunta e rigorosamente disciplinada da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Não foi difícil explicar aos trabalhadores essas simples verdades tão próximas de sua miséria diária, tão intimamente ligadas a ela. Em todos esses países há, entre a massa de milhões de proletários, uma camada social de trabalhadores mais desenvolvidos, mais instruídos e que, do mesmo jeito, formam uma espécie de aristocracia no mundo operário. Essa aristocracia operária está dividida em duas categorias, uma das quais é mais útil, a outra, mais nefasta.

Começemos pela última. Ela é compos-

ta principalmente, e quase exclusivamente, não de trabalhadores de fábrica, mas de artesãos. Sabemos que a situação dos artesãos na Europa, embora de forma alguma invejável, é incomparavelmente melhor do que a dos operários de fábrica. Os artesãos são explorados não pelo grande, mas pelo pequeno capital, que está longe de possuir os meios de opressão e humilhação disponíveis para o grande capital no mundo industrial. O mundo artesanal, onde o trabalho é feito à mão e não por máquina, é uma sobrevivência do sistema econômico da Idade Média. Cada vez mais é empurrado para segundo plano pelo irresistível e inevitável empurrão da grande indústria, que naturalmente procura tomar conta de todos os ramos de produção. Mas onde o artesanato ainda existe, os trabalhadores vivem melhor; a relação entre os patrões (que não são eles mesmos muito ricos e, na maioria das vezes, vêm da classe trabalhadora) e os trabalhadores é mais próxima, mais simples, e possui um caráter mais patriarcal do que no mundo industrial. Encontramos entre os artesãos um grande número de semiburgueses que, por seus hábitos, convicções e predisposições, querem se tornar, consciente ou inconscientemente, burgueses consumados.

Mas as próprias profissões podem ser divididas em duas, ou mesmo três categorias. A mais numerosa e a menos aristocrática, ou seja, a menos feliz de todas, naturalmente no sentido burguês da palavra, inclui todos os ofícios penosos e grosseiros, o ofício de ferreiro, por exemplo, que requer um grande dispêndio de força muscular. Os artesãos pertencentes a essa categoria são aqueles que, por suas tendências e convicções, são os mais próximos dos trabalhadores de fábrica. Em seus círculos, preciosos instintos revolucionários sobrevivem e até se desenvolvem, e não é raro encontrar indivíduos capazes de formar uma ideia geral e lógica das condições mundiais necessárias para a emancipação dos trabalhadores. A categoria intermediária inclui carpinteiros, tipógrafos, alfaiates, sapateiros e muitos outros ofícios que exigem um certo grau de instrução, ou conhecimentos especiais, ou, no mínimo, menos força física e que, portanto, deixam

mais tempo para reflexão. Nesse ambiente, a facilidade é relativamente maior, portanto há mais fatuidade burguesa. Os instintos revolucionários estão muito menos desenvolvidos ali do que na primeira categoria, que é composta exclusivamente de trabalhadores. Por outro lado, há mais indivíduos que pensam e raciocinam, às vezes erroneamente, que têm convicções bem estabelecidas, mas há também mais raciocinadores que, por causa de sua mania de discussão ociosa, são inaptos para a ação combativa, e às vezes, por vaidade ou cálculo pessoal, são seus inimigos.

Finalmente, existe uma terceira categoria de ofícios que fabricam produtos de luxo e, portanto, têm interesse na continuidade da existência do rico mundo burguês. A maioria dos trabalhadores pertencentes a esse meio não são metade, mas três quartos, e ainda mais conquistados pelas paixões, morgues e preconceitos da burguesia. Felizmente, eles formam apenas uma ínfima minoria da classe trabalhadora. Mas onde eles são mais numerosos, a propaganda da Internacional avança muito lentamente e, muitas vezes, mostra uma tendência claramente antissocial, puramente burguesa. Esse meio tende sobretudo para uma felicidade exclusivamente individual, para uma condição superior, ou seja, fundamentalmente burguesa, e não para a emancipação e felicidade coletiva dos trabalhadores.

Nesse ambiente, os salários são incomparavelmente mais altos; ao mesmo tempo, o trabalho é mais refinado, mais fácil, mais limpo, mais nobre do que nas duas primeiras categorias; assim, os trabalhadores obtêm mais satisfação, mais conhecimento superficial, garantia pessoal e vaidade. Eles se tornam socialistas somente em tempos de crise econômica, quando a queda nos salários lembra-os que não são burgueses, mas assalariados.

Mas na massa de milhões de trabalhadores existe outro tipo de aristocracia no mais alto grau de utilidade e beneficência: a aristocracia não de condição, mas de convicção, de sentimento revolucionário, de paixão ardente e luminosa e da vontade. Os trabalhadores que pertencem a essa categoria são os inimigos jurados de toda aris-

tocracia e privilégio: nobreza, burgueses e até mesmo trabalhadores; eles só podem ser chamados de aristocratas no sentido literal e primitivo do termo, ou seja, homens da elite. E na verdade, são homens de elite, não apenas da classe trabalhadora, mas da sociedade como um todo. Eles reúnem em si, em sua compreensão da questão social, e com toda a franqueza do instinto popular, todas as vantagens do pensamento livre e independente, do conhecimento científico. Não teriam que se esforçar muito para se elevar acima de sua própria classe, para entrar na casta burguesa, para passar do partido da massa miserável do povo explorado e escravizado para as fileiras dos cavalheiros exploradores de todos os tipos. Eles não querem, têm uma paixão pela solidariedade e não compreendem a liberdade e a felicidade a não ser com os milhões de seus irmãos escravizados. Muito naturalmente e sem buscá-lo, homens desse tipo gozam de imenso prestígio entre a massa de trabalhadores. Junte-se a essa categoria de trabalhadores a dos militantes que saíram da classe burguesa, que quebraram todos os laços com ela e que se dedicaram de corpo e alma à grande causa da emancipação do proletariado, e você terá o que chamamos de aristocracia útil e benéfica do movimento operário internacional.

As duas aristocracias se reuniram no I Congresso Internacional dos Trabalhadores, em Genebra, em setembro de 1866. Nesse Congresso, surgiram quatro grandes tendências que inevitavelmente se chocariam e que, após três anos de luta, de setembro de 1866 a setembro de 1869 – luta constantemente reconsiderada e retificada de acordo com as lições da dura experiência cotidiana dos trabalhadores em todos os países –, eventualmente chegaram a um acordo sobre um programa comum, expressão não de uma teoria abstrata, mas de reivindicações vitais e do objetivo último do mundo operário.

A primeira, e pode-se até dizer a tendência dominante do Congresso de Genebra, foi a tendência burguesa dos cooperadores tingida de um estreito radicalismo burguês e, naturalmente, representada acima de tudo pelos republicanos genebrinos.

Em 1866, muitas pessoas ainda acredita-

vam que o sistema cooperativo teria sucesso mesmo sob as condições da sociedade atual. Não apenas os suíços, os alemães e os franceses, mas também os próprios ingleses esperavam milagres da cooperação, na qual eles viam o principal, talvez único meio de emancipar definitivamente o trabalhador da tutela do capital. A experiência ainda não havia tido tempo de demonstrar-lhes, em 1866, a absoluta impossibilidade não somente de uma emancipação total, mas mesmo um ligeiro abrandamento do destino dos trabalhadores, enquanto não sejam suprimidos até o último dos fatores estatais e econômicos da desigualdade social.

A segunda tendência, de longe a mais utilitária, a mais de acordo com o próprio objetivo da Associação Internacional, foi representada pelos ingleses. Eles demandavam uma organização prática, ou seja, uma solidariedade ativa dos trabalhadores de todos os países na luta diária do trabalho contra o capital, luta que se traduzia pelas greves operárias cujo objetivo fosse o aumento dos salários, ou a redução da jornada de trabalho. Essa proposição, apesar de seu caráter utilitário, que abarcou todos os aspectos da luta e foi direto ao ponto, não encontrou muito eco no Congresso de Genebra. Os socialistas burgueses, cooperativistas, socialistas da escola de Proudhon, e até mesmo alguns comunistas, estavam presentes. Comunistas, é claro, da velha escola, mais utópica do que aquela cuja doutrina hoje se baseia na experiência científica e no realismo. Todos esses representantes de teorias socialistas desenvolvidas fora da vida do povo acolheram com muito desdém a proposta dos delegados ingleses; eles acabaram adotando-a, mas a contragosto, simplesmente para não ofender os ingleses. Pareceu-lhes ser uma expressão estreita da ação prática limitada e míope do movimento operário britânico, cujas aspirações tenderam apenas para uma ligeira e modesta melhoria nas condições do proletariado, e não para sua total emancipação.

Não há dúvida que os ingleses, qualquer que seja sua classe, inclusive a dos trabalhadores, se distinguem sobretudo pela estreiteza de suas concepções doutrinárias (esse é o principal defeito nacional que os caracte-

riza em comparação com os franceses). Eles são indiferentes às doutrinas gerais, e as deduções lógicas e abstratas têm muito pouco efeito sobre eles. Por outro lado, entendem melhor que outros a lógica dos fatos essenciais e os fatores reais das ações que empreendem. Esses fatores, eles aprendem a conhecê-los antes de agir com base em alguma doutrina, mas no decorrer da experiência que adquirem à medida que a ação progride e que, por sua progressão, coloca-os na presença de obstáculos que devem ser superados antes que eles possam ir mais longe. Os ingleses não acreditam nesses obstáculos, e até mesmo os ignoram, desde que na prática não se deparem com eles de frente. Mas uma vez convencidos da existência de um obstáculo, não hesitam por um momento em superá-lo; o trabalhador inglês é, sem querê-lo e mesmo sem saber, o revolucionário mais consequente e mais implacável. Ainda hoje o trabalhador inglês está longe de perceber os resultados aos quais o levará a lógica inflexível de suas modestas reivindicações utilitárias.

Seguindo sua linha ordinária, costumeira e empírica, os trabalhadores ingleses criaram uma vasta e formidável organização chamada alianças profissionais (*trade unions*), que atualmente conta com mais de oitocentos mil membros; essa organização, que agora se tornou uma força oficialmente reconhecida, há muito tempo não tinha outro objetivo senão lutar contra o capital por meio de greves organizadas em toda a Inglaterra. Apoiando diária e unicamente, em todo o território britânico, a luta pelo aumento de salários, ou contra sua diminuição; a luta pela redução da jornada de trabalho, ou contra seu alongamento; a luta contra a introdução da mecanização e, em geral, contra o agravamento das condições dos trabalhadores e para a sua melhoria, os sindicatos de ramo, sem ter em mente nenhuma outra ideia e sem perseguir nenhum outro objetivo, criaram, sem saber e sem querer, a força coletiva e rigorosamente organizada do proletariado.

Essa nova força, mais cedo ou mais tarde, tomaria consciência de si mesma, mas o despertar desse sentimento na massa do povo inglês levou anos. As massas que pen-

sam apenas em termos das provações a que são submetidas, e não em termos de noções abstratas, evoluem muito lentamente, especialmente na Inglaterra, onde cada nova ideia, mesmo quando não é mais do que a expressão de fatos que foram realizados diante dos olhos de cada um – toda outra ideia é mal compreendida pelo público inglês – é assimilada pelo povo com a maior dificuldade. Mas, por outro lado, quando essa ideia entra na mente inglesa, quando rompe a resistência da rotina e dos preconceitos históricos e se torna uma convicção para eles, ela se torna imediatamente uma força ativa, obstinada, necessária e prática.

Finalmente os trabalhadores ingleses perceberam que, enquanto a legislação atual existisse e a Grã-Bretanha fosse governada pela aristocracia e pela burguesia, todas as suas tentativas de melhorar seu destino seriam em vão; por consequência, eles fundaram, em 1866, uma formidável liga para a reforma parlamentar. “Um parlamento e um Estado operários”, tal é a palavra de ordem em nome da qual todo o proletariado inglês se engajou na propaganda.

Hoje, essa ideia, de fato esse objetivo, tomou conta dos trabalhadores ingleses, e não há força no mundo capaz de arrancá-la de seu espírito até que eles a tenham alcançado. E vão atingi-la com certeza; somente então terão alcançado a vitória completa; e quando, sobre as ruínas do Estado aristocrático burguês derrotado e destruído, eles tentarem fundar um Estado operário, somente então se convencerão, após novas experiências, de que o verdadeiro Estado operário ou popular é a abolição de todo Estado. Até lá, não serão convencidos por nenhum argumento lógico. Voltaremos a essa questão quando falarmos sobre os partidos socialistas revolucionários que operam atualmente na Europa.

Da mesma forma, os trabalhadores ingleses chegaram recentemente, apenas por experiência, a essa outra convicção, em nossa opinião, muito mais justa e importante, a saber, que a terra, toda a terra, deve se tornar propriedade coletiva do povo, e acrescentam eles – mas sobre isso não concordamos de forma alguma –, ser gerida pelo Estado, que disporá dela como bem entender. Para

atingir esse objetivo, que está intimamente ligado à fundação do Estado operário, eles formaram no ano passado uma nova organização sob o nome de Liga Agrária e Operária (Land and Labour League). Pode-se ter certeza de que mais cedo ou mais tarde, e mais cedo do que tarde, eles atingirão esse objetivo também. A própria lentidão do desenvolvimento do movimento dos trabalhadores britânicos é uma garantia segura da força invencível e do poder destrutivo irresistível desses movimentos.

Da mesma forma, os trabalhadores ingleses conseguiram finalmente, nos últimos tempos, libertar-se de seus preconceitos e de seu estreito senso de ódio nacional aos irlandeses; compreenderam a necessidade de reconhecer os direitos do povo irlandês – socialistas por natureza, como nosso povo russo – e de entrar em uma eterna aliança com os fenianos.

Do mesmo modo, ainda antes, já em 1867, os *trade unions* reconheciam a necessidade de solidariedade prática com os trabalhadores nos continentes americano e europeu.

Eles chegaram a essa concepção não em virtude de doutrinas gerais de qualquer tipo, ou sob o efeito de um sentimento generoso, mas em grande parte frágil, de fraternidade universal, ao qual os franceses são tão sensíveis, mas sob o impulso de uma necessidade que eles mesmos sentiram, ou que a prática lhes impôs. Como prova, citamos esse extrato da ata do Congresso de Genebra [Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizado em Genebra de 3 a 8 de setembro de 1866, Genebra, Imprimerie Ducommun, p. 14-15.]:

“Os delegados ingleses desenvolveram essa ideia, de que é necessário que os trabalhadores de todos os países se reúnam e se unam para resistir aos patrões. Nas greves, na Inglaterra, é comum que os patrões muitas vezes triunfem sobre a resistência de seus trabalhadores, trazendo trabalhadores do continente que aceitam condições inferiores, e assim se tornam o primeiro dos instrumentos de exploração. Eles citam, entre outros fatos, uma greve de vários milhares de trabalhadores em 1859, que durou trinta semanas e foi derrotada por essa concorrência.

Portanto, era necessário um acordo geral. As sociedades operárias inglesas (sindicatos profissionais) estão preparadas para fazer enormes sacrifícios para alcançar esse resultado. Propõem, portanto, que seja decidido que as diferentes seções da Internacional se comuniquem com as sociedades operárias de cada país, compilando estatísticas sobre o trabalho, e assim estabeleçam um vínculo universal que tornará possível organizar greves imensas, invencíveis”.

“Os delegados franceses e suíços não se opõem à adoção da proposta inglesa, mas dizem que a greve está longe de ser a solução para o problema social, e que o objetivo perseguido pela Associação é a supressão do assalariamento, o que só pode ser alcançado pela associação e, sobretudo, pela associação cooperativa”.

Os ingleses estavam absolutamente certos. Em 1866, enquanto quase todos os outros delegados do Congresso estavam dados ao socialismo burguês, eles propuseram um meio, o único meio, capaz de agrupar efetivamente praticamente todos os trabalhadores de todos os países em uma única organização poderosa; é esse meio que, no último Congresso dos Trabalhadores em Basileia, em setembro de 1869, foi unanimemente aceito como base fundamental e ponto de partida da atual Associação Internacional dos Trabalhadores.

Quem não conhece os sacrifícios e o sofrimento que cada greve traz para os trabalhadores? Mas as greves são necessárias; são tão necessárias que, sem elas, seria impossível lançar as massas na luta social e organizá-las. A greve é a guerra, e as massas populares se organizam apenas na guerra e pela guerra, que arranca cada trabalhador de seu habitual isolamento, absurdo, sem alegria e sem esperança; a guerra solda-o imediatamente a todos os outros trabalhadores em nome de uma única paixão, ou de um único objetivo, e faz todos entenderem, da maneira mais óbvia e convincente, a necessidade de se organizarem com rigor para conquistar a vitória. As massas populares em efervescência são como metal fundido, que acaba formando uma única fundição mais fácil de moldar do que o metal em seu estado frio,

desde que haja bons trabalhadores para dar-lhe uma forma que esteja em conformidade com as propriedades ou leis inerentes ao referido metal, de acordo com as necessidades e instintos do povo.

As greves despertam nas massas populares todos os instintos revolucionários socialistas que estão adormecidos nas profundezas de cada trabalhador, que formam, por assim dizer, sua essência histórica, sociopsicológica, mas da qual, em tempos comuns, sob o jugo da servidão e da submissão geral, muito poucos estão cientes. Ao contrário, quando esses instintos, suscitados pela luta econômica, são despertados nas multidões de trabalhadores sublevadas, então a propaganda entre eles da ideia socialista revolucionária se torna extremamente fácil. Pois essa ideia não é outra coisa senão a expressão pura e fiel dos instintos do povo. Se ela não estiver inteiramente de acordo com os instintos do povo, então é falsa, e se for, será rejeitada pelas massas populares. Mas, ao contrário, se ela for seu reflexo exato, se for verdadeiramente a ideia do povo, vai certa e rapidamente tomar conta das multidões populares revoltadas; e uma vez que ela tenha penetrado no povo, logo se transformará em uma realidade triunfante.

Cada greve é ainda mais preciosa, porque amplia e aprofunda cada vez mais o abismo que agora e em toda a parte separa a classe burguesa das massas populares; porque mostra aos trabalhadores da forma mais evidente a absoluta incompatibilidade de seus interesses com os dos capitalistas e proprietários, arruinando assim, nos sentimentos das massas, hoje exploradas e escravizadas pelo capital e pela grande propriedade, qualquer possibilidade de compromisso ou acordo; cortando na raiz do que chamamos de socialismo burguês, ela coloca a causa da emancipação do povo fora de todas as combinações econômicas e políticas das classes possuidoras.

Sim, não há melhor maneira do que a greve para retirar os trabalhadores da influência política da burguesia. Recentemente tivemos uma prova disso na França. Sabemos que as eleições de 1869 nas três principais cidades, Paris, Lyon e Marselha, foram um triunfo

para o partido republicano burguês, graças à unanimidade com que os trabalhadores, esquecendo os dias de junho, todas as velhas afrontas e as amargas lições do passado recente, deram seus votos aos republicanos intransigentes, intransigentes de dois pontos de vista: em relação ao imperador e ao Império, mas ainda mais em relação ao socialismo popular. Por parte dos trabalhadores, foi muito generoso, mas também muito... ingênuo.

Além disso, às vezes a tolice tem sua utilidade e, acima de tudo, ela é inevitável na história do povo. As massas populares, privadas de uma instrução livresca, e não tendo nem o hábito de desenvolver seu pensamento de uma forma consciente e lógica nem o tempo para meditar, aprendem e alcançam a verdade através de uma série de contratempos devidos às circunstâncias e aos erros cometidos por elas. Visivelmente, os trabalhadores franceses ainda precisavam passar por essa experiência para se convencerem definitivamente da absoluta incapacidade dos representantes do radicalismo burguês de servir à causa do povo.

Após essa vitória eleitoral, os trabalhadores franceses ficaram tão entusiasmados com seu triunfo ou, mais precisamente, com o triunfo dos outros, alcançado por seu esforço unânime, que pareciam ter esquecido completamente sua própria questão social. Como se a presença de uns vinte ou trinta republicanos decrépitos ou idosos na Assembleia Legislativa pudesse mudar qualquer coisa, não apenas na condição material das massas trabalhadoras, mas até mesmo nas atuais relações sociais do Império!

Os trabalhadores esperavam milagres de seus deputados. Esses últimos não fizeram absolutamente nada e se mostraram na Assembleia Legislativa tal como haviam sido em toda parte e sempre: nulidades; nulidades por sua situação e por sua convicção, por todo seu programa e por sua atitude em relação às esferas governamentais e ao mundo operário; nulos por sua fraseologia idealista ultrapassada sobre o direito ideal entre duas entidades reais apanhadas em uma luta não pela vida, mas pela morte. Tendo diante de seus olhos a inação de seus deputados, os trabalhadores se mostraram injustos com eles,

exigindo ação e energia de pessoas condenadas à impotência por tudo o que constitui o ambiente em que se moviam e por toda sua situação pessoal. Eles não queriam ou não podiam entender que os homens mais inteligentes, mais enérgicos, mais sinceros e mais ardentes só têm valor enquanto tiverem um bom terreno sob seus pés, enquanto permaneçam em um ambiente e em condições correspondentes à ação empreendida por eles, e que não há força que possa combater uma situação falsa; e que sair dessa situação é, portanto, a primeira e necessária condição para que a força não deixe de ser força, para que ela não se torne impotência. O que poderia ser mais falso e mais absurdo do que a situação de um representante da causa do povo no parlamento imperial?

Demonstraremos ainda que não apenas o parlamento imperial, mas nenhum parlamento político, nem mesmo o mais republicano, mesmo que composto inteiramente de trabalhadores, é capaz de dar ao povo a liberdade real. Não falemos mais sobre o parlamento imperial. Todos devem compreender que o negócio desse parlamento é oprimir e não emancipar e que, quaisquer que sejam os sentimentos íntimos e as aspirações ideais de seus membros democráticos e favoráveis ao povo, na realidade serão sempre auxiliares da opressão.

Apesar de toda sua fineza de espírito, os trabalhadores franceses compreenderam tão pouco que atribuíram a inação e a impotência de seus deputados não às tristes necessidades de uma situação absurda, mas à fraqueza dos indivíduos e até mesmo à sua traição; eles estavam prontos a exigir sua demissão para substituí-los por outros mais enérgicos e mais íntegros; e é impossível dizer quanto tempo teriam vagado por esse caminho político sem saída se as greves operárias, suscitadas por necessidades materiais e desencadeadas por toda parte e quase simultaneamente nos quatro cantos da França, não os tivessem levado de volta à questão social que é para eles a verdadeira questão.

As greves em Aubin, La Ricamarie e Creusot tiveram uma dupla vantagem. Dissiparam o nevoeiro de ambos os lados, especificando clara e simultaneamente como se coloca a

questão operária em relação ao Império e aos representantes da república burguesa.

Sabemos que o Império há muito tempo seduziu as massas trabalhadoras. Entre os servos de Napoleão III, há toda uma corte de indivíduos, para não dizer um clã comandado por Persigny que, em contraste com as tendências dos liberais burgueses, se esforçam para realizar a aliança absurda e diluente do despotismo imperial com o socialismo operário. No início dos anos 18?60, tivemos algo semelhante na Rússia, quando os eslavófilos, juntamente ao partido vermelho burocrático de Miljutin, sonhavam com uma aliança monstruosa entre as massas camponesas e o Império. Sabemos como essa tentativa terminou. Uma vez terminado seu serviço, coberto de vergonha e sangue, contra a infeliz Polônia, o povo de Miljutin e os eslavófilos foram rejeitados como lacaios que haviam deixado de ser úteis, e substituídos pelos verdadeiros servos do estado pan-russo: os murav'ev, os uvalovs, os bergs, os potapovs e uma multidão de outros... servos fiéis e, acima de tudo, dóceis.

Na França, o socialismo imperial teve o mesmo triste fim. O sangue operário que foi derramado em La Ricamarie e Aubin, sob as balas dos soldados de Napoleão, abriu definitivamente os olhos do proletariado francês. Os trabalhadores compreenderam que o imperador, com toda sua instituição estatal, é seu inimigo.

Essas mesmas greves, por outro lado, lhes mostraram que o radicalismo burguês também não é seu amigo. As palavras e os atos dos intransigentes representantes do povo na Assembleia Legislativa, bem como as manifestações dos jornais republicanos burgueses mais revolucionários, foram muito interessantes de se registrar durante essas greves e o massacre que se seguiu. Uns e outros não podiam deixar de defender os trabalhadores, mas fizeram-no com tanta relutância e com tão pouco calor que era óbvio que a causa que eles estavam defendendo não era sua, mas uma causa que lhes era estranha, a dos trabalhadores. Eles não estavam apoiando trabalhadores que exigiam o direito à vida e à igualdade humana, mas cidadãos cujos direitos políticos foram ultrajados. Nem um único

membro do parlamento ousou proferir uma única palavra para defender a questão operária propriamente dita. E entre os jornais, apenas “La Marseillaise” teve a coragem de colocá-la. Todos os outros se limitaram aos aspectos políticos da questão. Assim, os trabalhadores puderam perceber que, entre eles e o radicalismo burguês, o abismo é o mesmo, se não mais profundo, do que aquele que os separa dos republicanos e do Império.

Entretanto, os trabalhadores devem apenas às greves que a questão social seja agora colocada na França com tanta clareza.

Sim, as greves são uma grande coisa: elas levantam, povoam, organizam e instruem o exército dos trabalhadores; um exército chamado a derrotar e destruir a força burguesa estatista e a preparar o vasto e livre terreno para um novo mundo. E é necessário fazê-lo.

(a ser continuado)



Carta a Aleksandr Ivanovich Herzen (1861)

Carta a Nikolay Ivanovich Turgenev (1861)

Carta a Giuseppe Garibaldi (1862)

Carta a George Sand (1862)

Carta a Giuseppe Garibaldi (1862)

Carta a um destinatário desconhecido (1862)

Carta a Aurélio Saffi (1862)

Carta a Ludwik Mieroslowski (1862)

Carta a Karol Edmund Chojecki (1862)

Carta a Józef Wierciakiewicz ((1862)

Carta a Józef Wierciakiewicz (1862)

Aliança Universal da Democracia Social.

Seção Russa. À Juventude Russa (1870)

M. Bakunin

